



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**JÉSSICA GOMES DE GUSMÃO DA SILVA**

**O DESENVOLVIMENTO DE PRONOMES DE TERCEIRA PESSOA E A  
IMPORTÂNCIA DOS PREFIXOS RELACIONAIS NA ESTRUTURA  
ARGUMENTAL DOS NÚCLEOS DEPENDENTES EM KAYABÍ**

**Brasília**  
**2019**

**JÉSSICA GOMES DE GUSMÃO DA SILVA**

**O DESENVOLVIMENTO DE PRONOMES DE TERCEIRA PESSOA E A  
IMPORTÂNCIA DOS PREFIXOS RELACIONAIS NA ESTRUTURA  
ARGUMENTAL DOS NÚCLEOS DEPENDENTES EM KAYABÍ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

**Brasília  
2019**

**JÉSSICA GOMES DE GUSMÃO DA SILVA**

**O DESENVOLVIMENTO DE PRONOMES DE TERCEIRA PESSOA E A  
IMPORTÂNCIA DOS PREFIXOS RELACIONAIS NA ESTRUTURA  
ARGUMENTAL DOS NÚCLEOS DEPENDENTES EM KAYABÍ**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Linguística, do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

Aprovada em 19 de março de 2019

---

Presidente, Professora Doutora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral  
Universidade de Brasília (UnB)

---

Professora Doutora Rozana Reigota Naves  
Universidade de Brasília (UnB)

---

Professor Doutor Andrébio Márcio Silva Martins  
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

---

Professora Doutora Marci Fileti Martins (Suplente)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

## AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa que me possibilitou a dedicação integral aos estudos.

Ao Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI/IL/UnB), pelo espaço de aprendizagem e crescimento.

Aos membros da banca, pela disponibilidade e valiosas contribuições.

À minha orientadora, professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, por me receber calorosamente no LALLI e me apresentar, com grande entusiasmo, o vasto campo das línguas indígenas. Agradeço, especialmente, pela disposição em compartilhar conhecimentos, por investir tempo em discussões fundamentais ao meu desenvolvimento acadêmico, por acreditar no meu potencial, e pela amizade ao longo desse projeto.

Aos colegas do LALLI – em especial, ao Ariel, pelas conversas, e pela admirável solicitude em todas as situações.

Aos meus pais, Mauro e Lina, à Thati e ao Kevin, por toda força, amor e cuidado; por compreenderem as ausências e a reclusão nas horas de estudo; por estarem sempre ao meu lado, e por respeitarem e apoiarem amorosamente minhas decisões.

A todos os amigos que se fizeram presentes ao longo desse processo. À Thaís, amiga e irmã, pelos comentários e revisões; pelo companheirismo e encorajamento; por nunca hesitar em caminhar junto a segunda milha – nos estudos e na vida. À Anne e à Camila, por positivamente desafiarem minhas memórias e motivações. À Dani, pelas trocas tão significativas. À Ley, pelo interesse e incentivo genuínos. À Susana, por ser uma grata surpresa e trazer fôlego novo à reta final.

Ao Criador, fonte e destino do saber e da existência.

## RESUMO

Apresenta-se nesta dissertação uma análise do Kayabí, por meio da qual objetiva-se descrever a existência de gênero gramatical e de prefixos relacionais a partir da observação da distribuição e função de um conjunto de pronomes de terceira pessoa em diferentes estruturas. Isso porque nessa língua indígena, pertencente ao sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní (RODRIGUES, 1984), desenvolveram-se formas pronominais de terceira pessoa segundo o sexo dos referentes dos nomes objetos, com alomorfes que distinguem o sexo do falante. Essas formas pronominais de terceira pessoa, quando ocorrem seguindo o núcleo de predicados de orações no modo Indicativo I, serão ora analisadas como possíveis expressões de concordância com o sexo do sujeito e do objeto de terceira pessoa. Diante da complexidade das definições de gênero nas línguas naturais, adotou-se como princípio definidor da existência ou não desse traço o já consagrado critério de concordância em palavras associadas (HOCKETT, 1958; CORBETT, 2014). Insere-se igualmente no escopo do trabalho a investigação da coocorrência desses pronomes com os prefixos relacionais (RODRIGUES, 1981), sobre os quais argumenta-se aqui que tenham sido equivocadamente classificados na literatura como formas pronominais de terceira pessoa. Outra etapa da pesquisa foi a apresentação dos dados originais da língua (DOBSON, 1973; 1997; 2005; WEISS, 1998), sua comparação com análises posteriormente publicadas (SOUZA, 2004; GOMES, 2007; BRAGA, 2016), e sistematização conforme mecanismos de contraste. Os resultados obtidos evidenciam um preenchimento do paradigma de terceira pessoa pelas formas pronominais e a existência de um sistema incipiente de gênero e concordância na língua, notadamente expresso pelas especificidades das falas masculina e feminina. Demonstra-se, ainda, que os prefixos relacionais mantêm sua função original na língua, mesmo com o surgimento de formas pronominais de terceira pessoa.

**Palavras-Chave:** Kayabí; Pronomes de terceira pessoa; Gênero gramatical; Prefixos relacionais.

Brasília  
2019

## ABSTRACT

This dissertation presents an analysis of the Kayabi language, and seeks to describe the existence of grammatical gender and relational prefixes by observing the distribution and function of a series of third person pronouns in different structures. This indigenous language belongs to sub-branch VI of the Tupi-Guarani family (RODRIGUES, 1984), and developed its third person pronoun forms according to the sex of those referring to the object nouns, with allomorphs that distinguish the sex of the speaker. These pronominal forms of the third person, when they occur following the nucleus of predicates in Indicative Mood I, will be analyzed as possible expressions of agreement with the sex of the subject and of the third person object. In light of the complexity of gender definitions in natural languages, the consecrated criteria of agreement in associated words has been adopted as the main deciding factor in the existence or not of this characteristic (HOCKETT, 1958; CORBETT, 2014). Furthermore, the investigation into the co-occurrence of these pronouns with relational prefixes (RODRIGUES, 1981) has been equally valued in the scope of the work. The dissertation argues that these pronouns have been mistakenly classified in literature as third person pronoun forms. Another phase of the research was the presentation of the original data about the language (DOBSON, 1973; 1997; 2005; WEISS, 1998), its comparison with later analyses (SOUZA, 2004; GOMES, 2007; BRAGA, 2016), and the systemization according to contrastive mechanisms. The results provide evidence of the fulfilling of third person paradigm via pronoun forms and the existence of an incipient system of gender and agreement in the language, notably expressed by the specificity of the masculine and feminine speech. Also, it is demonstrated that the relational prefixes keep their original function in Kayabi, even with the emergence of third person pronominal forms.

**Key-Words:** Kayabi; Third person pronouns; Grammatical gender; Relational prefixes.

Brasília  
2019

## ILUSTRAÇÕES

### QUADROS

Quadro 1 – Prefixos da Classe 4.....	25
Quadro 2 – Prefixos da Classe 5.....	25
Quadro 3 – Pronomes livres objetivos de verbos transitivos .....	28
Quadro 4 – Partículas de interlocução .....	31
Quadro 5 – Série Ativa de verbos transitivos .....	34
Quadro 6 – Série Ativa de verbos intransitivos .....	34
Quadro 7 – Série Não Ativa de verbos intransitivos (independentes) .....	35
Quadro 8 – Prefixos subjetivos.....	37
Quadro 9 – Forma narrativa do verbo .....	38
Quadro 10 – Pronomes dependentes.....	50
Quadro 11 – Sistema pronominal do Kayabí sem formas de terceira pessoa .....	51
Quadro 12 – Sistema pronominal do Kayabí na atualidade .....	52
Quadro 13 – Prefixos relacionais .....	59
Quadro 14 – Prefixos relacionais do Kayabí.....	62

### FIGURAS

Fig. 1 – Ilustração: Luiza Cajibi .....	16
Fig. 2 – Fotografia: Casas no Posto Indígena Pedro Dantas .....	17
Fig. 3 – Fotografia: O registro de Max Schmidt no Posto Pedro Dantas .....	18
Fig. 4 – Fluxograma: Categoria de pronomes possessivos.....	24
Fig. 5 – Fluxograma: Sistema pronominal .....	26

## **LISTA DE SIGLAS**

ISA	Instituto Socioambiental
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
SIL	Summer Institute of Linguistics
PIX	Parque Indígena do Xingu

## LISTA DE ABREVIATURAS

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
3sfH	Pronome pessoal de terceira pessoa do singular feminino na fala de homem
3smH	Pronome pessoal de terceira pessoa do singular masculino na fala de homem
3smM	Pronome pessoal de 3ª pessoa do singular masculino na fala de mulher
ABL	ablativo
ADV	advérbio
ALET	alética (modalidade)
ARG	argumento
CAUS	causativo
CC	complemento circunstancial
CL	clítico
CLASS	classificador
COMIT	comitativo
CONJ	conjunção
CONT	continuativo
CORR	correlacional
CPREP	complemento preposicional
DAT	dativo
DCI	destinatário do conteúdo informacional
DIR	diretivo
DP	determiner phrase (sintagma determinante)
ERG	ergativo
EXCL	exclusivo
F	feminino
FFH	feminino, fala do homem
FFM	feminino, fala da mulher
FOC	foco
FTNP	fato não presenciado
GEN	genitivo
GER	gerúndio
HF	homem falando
INCL	inclusivo
IND	indicativo
INDF	indefinido
INESS	inessivo
INSTR	instrumento
INTER	interrogativo
LOC	locativo
LP	locativo pontual
M	masculino
MFH	masculino, fala do homem
MFM	masculino, fala da mulher
MOV	movimento
MN	marcador nominal
NAR	narrativo

N.CIR.RETR	nominalizador de nome de circunstância
NEG	negativo
NOM	nominalização
NP	noun phrase (sintagma nominal)
N.PRED	nominalizador de predicado
PASS	passado
REM.ATEST	passado remoto atestado (passado)
PERL	perlativo
PI	plural inclusivo
PE	plural exclusivo
PL	plural
PLFH	plural, fala do homem
PLFM	plural, fala da mulher
PREPON	prepondente
POSP	posposição
R	relacional
REFL	reflexivo
REL	relacional
S	singular
SUBJ	subjuntivo
TN	terminação de narrativa
TRANS	translativo

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2 A LÍNGUA KAYABÍ</b> .....	<b>14</b>
2.1 OS PRIMEIROS REGISTROS.....	14
2.2 OS FALANTES .....	15
2.3 OS KAYABÍ NA ATUALIDADE.....	19
<b>3 A LITERATURA LINGUÍSTICA SOBRE O KAYABÍ: UM PANORAMA</b> .....	<b>21</b>
3.1 TIPOLOGIA.....	21
3.2 CLASSES NOMINAIS.....	23
3.2.1. Comentários acerca da terminologia utilizada .....	26
3.3 SISTEMA PRONOMINAL .....	27
3.4 POSPOSIÇÕES .....	31
3.5 VERBOS .....	32
3.5.1 Hierarquia referencial.....	38
3.6 OUTRAS ANÁLISES .....	39
<b>4 A QUESTÃO DO GÊNERO GRAMATICAL</b> .....	<b>42</b>
4.1 NAS LÍNGUAS DO MUNDO.....	42
4.1.1 Critérios para identificação de gênero.....	45
4.2 O CASO DO KAYABÍ.....	48
4.2.1 Gênero em pronomes .....	49
4.2.2 Gênero em nomes.....	53
<b>5 PREFIXOS RELACIONAIS</b> .....	<b>58</b>
5.1 DEFINIÇÃO .....	58
5.2 OCORRÊNCIA EM KAYABÍ.....	61
5.3 PADRÃO ORACIONAL EM KAYABÍ .....	80
5.4 PRONOMES DE TERCEIRA PESSOA E PREFIXOS RELACIONAIS EM KAYABÍ .....	85
5.5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS .....	88
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>90</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>91</b>
ANEXO A – Lista de palavras de Max Schmidt.....	<b>95</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Objetiva-se por meio deste trabalho analisar a manifestação de um conjunto de pronomes de terceira pessoa e suas relações com questões de gênero e prefixação no Kayabí, língua pertencente ao sub-ramo VI da família Tupí-Guaraní. A concepção aqui adotada é a apresentada por Rodrigues e Cabral (2006), segundo a qual o tronco linguístico Tupí é formado por dez famílias linguísticas para as quais é admitida uma origem pré-histórica comum. São elas: Arikém, Awetí, Jurúna, Mawé, Mondé, Mundurukú, Puruborá, Ramaráma, Tuparí e Tupí-Guaraní.

Segundo Cabral et al. (2015), uma das categorias gramaticais manifestadas de diferentes formas em diferentes línguas indígenas do Brasil é a de gênero. Dentre elas, duas seriam as mais difundidas: a distinção entre fala masculina e feminina, e a distinção de gênero masculino, feminino e neutro nos nomes. De acordo com os autores, todas as línguas Tupí-Guaraní do complexo Kawahíwa<sup>1</sup> distinguem masculino e feminino de referentes animados, e o Kayabí, adicionalmente, e de forma inovadora, distingue formas pronominais masculinas e femininas de acordo com o sexo do falante.

A questão da diferenciação das falas de acordo com o sexo do (inter)locutor não é nova no âmbito dos estudos linguísticos. Segundo Borges (2012), diversas pesquisas atestam a existência de distinção, em maior ou menor grau, entre falas feminina e masculina, em quase todas as línguas do mundo. No entanto, seriam as línguas indígenas aquelas a demonstrar de forma mais categórica essa oposição, podendo esta se dar em diferentes níveis (discursivo, semântico, morfossintático, fonético-fonológico, lexical).

Com efeito, poucas questões gramaticais suscitam discussões tão acaloradas quanto gênero. Pergunte-se a um brasileiro estudante de inglês, e ele provavelmente elogiará a língua por “não possuir” masculino ou feminino. Em contrapartida, fale-se sobre o mesmo tema com um aluno de alemão, e ele dirá o quão desafiador pode ser reaprender “o sexo” das coisas na nova língua. Por que *o mar* português, masculino, é *la mer*, feminino, em francês, e *das Meer*, neutro, no alemão? O que faz com que a mesma entidade no mundo físico seja representada de maneiras tão diferentes no âmbito simbólico da linguagem? Embora sem pretensões conclusivas, visa-se aqui trazer novos elementos a essa discussão.

Igualmente fundamental para esta pesquisa é a relação entre os pronomes de terceira pessoa e os chamados prefixos relacionais. Isso porque, conforme será discutido, tais prefixos

---

<sup>1</sup> Parintintín, Tenharin, Djiahúj, Uru-Ew-Waw-Waw, Juma, Amondáwa, Karipúna, Piripúra, Apiaká e Kayabí.

têm sido equivocadamente incluídos no paradigma pronominal da língua, como marca de terceira pessoa. Então, a partir dos principais estudos sobre o Kayabí (DOBSON, 1973, 1997, 2005; WEISS, 1998; entre outros), propor-se-á uma reanálise dos dados, que considere as particularidades de prefixos e pronomes, bem como sua distribuição em diferentes ambientes.

Nesse contexto, algumas questões norteadoras são levantadas. São elas: 1) se, de acordo com as análises existentes, o Kayabí já possuía terceira pessoa no paradigma dos pronomes dependentes, por que desenvolveu três pronomes de terceira pessoa no mesmo paradigma?; 2) como prefixos flexionais podem fazer parte do mesmo paradigma de pronomes dependentes?; 3) com o desenvolvimento de pronomes independentes de terceira pessoa, o que teria ocorrido com os pressupostos prefixos de terceira pessoa atribuídos ao Kayabí?

Procurar-se-á responder a essas questões argumentando que: 1) os pronomes de terceira pessoa se desenvolveram em Kayabí porque a língua não os possuía; 2) os prefixos flexionais que têm sido chamados de terceira pessoa não o são. Antes, trata-se de prefixos que marcam a dependência de um determinante – contíguo ou não contíguo – em temas relativos; 3) com o desenvolvimento de pronomes de terceira pessoa, os prefixos relacionais continuaram a desempenhar suas respectivas funções, agora com seu caráter relacional muito mais definido.

Com esse objetivo, trar-se-á, no capítulo 2, *A língua Kayabí*, algumas informações sobre os falantes e os primeiros registros históricos conhecidos sobre a língua. No capítulo 3, *A literatura linguística sobre o Kayabí: um panorama*, apresentar-se-á uma síntese das contribuições já registradas sobre a temática dos pronomes e dos prefixos em Kayabí. Na sequência, capítulo 4, será discutida *A questão do gênero gramatical*, em que se buscará analisar a pertinência da hipótese de existência de gênero em Kayabí a partir de um olhar sobre sua manifestação em línguas naturais. Logo após, no capítulo 5, *Prefixos Relacionais*, discutir-se-á a reformulação do paradigma pronominal já estabelecido para a língua, em virtude da identificação dos relacionais como entidades produtivas e distintas em forma e função dos pronomes, com os quais podem coocorrer, e aos quais não substituem. Por último, o capítulo 6, *Considerações Finais*.

## 2 A LÍNGUA KAYABÍ

Com o intuito de se contextualizar em tempo-espaço próprio os registros da língua Kayabí, a revisão histórica aqui apresentada foi feita a partir da sistematização proposta por Grünberg (2004), Meliá (1993) e Travassos (1993). Dentre esses autores, destaca-se a obra do primeiro, por ser a mais ampla análise etnográfica de que se dispõe a respeito do povo. Assim sendo, em 2.1 *Os primeiros registros*, remontar-se-á o quadro geral de contato dos Kayabí com as sociedades não-indígenas circundantes em seu início. Certamente, a língua não sobrepõe os indivíduos que a ela dão vida, de modo que se voltará a atenção para o povo em si em 2.2 *Os falantes* e em 2.3 *Os Kayabí na atualidade*.

### 2.1 OS PRIMEIROS REGISTROS

Apresentado na literatura sob diferentes grafias – Cajahi, Cajibí, Cajabí, Kajabí, Kayab –, o Kayabí foi, inicialmente, aparentado com a língua Karib, dos rivais Bakairi, a partir de informações fornecidas por Pyrineus de Souza. Pode-se afirmar que a evidente proximidade entre esses grupos na história passada tenha influência mitológica, visto que, segundo Steinen (1942, p. 376), “os cajibís nas cabeceiras do Tapajós foram, de acordo com a lenda, criados da mesma madeira de flecha que os bacairís”. Anos depois, a partir da lista de palavras de Max Schmidt (Anexo A), a hipótese de uma filiação ao Tupí seria levantada, embora a incerteza quanto à classificação só fosse eliminada posteriormente. Souza (2004) cita uma outra lista de palavras, esta coletada pelos Villas Bôas, sobre “o falar Kayabí”, mas sem rigor científico no registro dos dados.

De acordo com Grünberg (2004, p. 24), a realização do “Plano para Pesquisas nas Línguas Tupi”, uma parceria do *Summer Institute of Linguistics* (SIL) e do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na década de 1960, possibilitou a atuação de duas linguistas do SIL no Parque Indígena do Xingu (PIX) e a classificação definitiva da língua. Rose Dobson e Helga Weiss investigaram mais sistematicamente o Kayabí e publicaram estudos de gramática, cartilhas e relatos de tradição oral do povo, sendo notadamente as autoras que mais produziram a respeito desse povo, em termos linguísticos.

A língua Kayabí foi inicialmente classificada por Rodrigues (1985, 1986) como parte da família Tupí-Guaraní, esta integrando, juntamente com o Tuparí, o Mondé, o Arikém, o

Ramaráma, o Mundurukú e o Jurúna – além do Awetí, Mawé (Sateré) e Puruborá –, o tronco Tupí. O agrupamento genético das línguas foi realizado com base em critérios de semelhança:

Duas ou mais línguas são consideradas geneticamente aparentadas quando compartilham propriedades estruturais e lexicais tais e tantas, que, em seu conjunto, não se possam explicar nem como consequências independentes de princípios universais da linguagem, nem como resultado de um processo de aquisição pelos falantes de uma língua em eventual interação social com os falantes de outra; a hipótese que se põe, então, é a de que as línguas em questão sejam manifestações diferenciadas do que foi no passado uma mesma língua e que as propriedades compartilhadas sejam herança comum conservada sem diferenciação ou apenas com diferenciações menos profundas. (RODRIGUES, 1985, p. 33-34)

A família Tupí-Guaraní, por sua vez, é composta por oito sub-ramos, tendo sido o Kayabí, a princípio, incluído no de número V, ao lado do Asuriní do Xingu e do Araweté (RODRIGUES, 1985, p. 40). Não obstante, foi aqui também considerada a revisão feita por Rodrigues e Cabral (2002), que passou a incluir novas línguas e a reclassificar outras, em função dos novos achados à época da publicação do referido estudo. Assim, pela nova distribuição, o Kayabí passou a fazer parte do sub-ramo VI, juntamente com o Apiaká, o Parintintín, o Tupí-Kawahíb e o Juma.

## 2.2 OS FALANTES

Embora sejam obviamente preexistentes ao encontro com não-indígenas, os Kayabí, sob essa designação, só foram documentados em 1850 (GRÜNBERG, 2004, p. 38), pelo francês Francis de Castelnau, enquanto discorria a respeito do povo Bakairi, afirmando que estes estavam “[...] em guerra com os Cahajis”<sup>2</sup> (CASTELNAU, 1850, p. 307). Supõe-se que a denominação “Kayabí” tenha sido dada por outros indígenas, visto que o nome não pode ser conclusivamente retrçado em sua origem (MELIÁ, 1993, p. 487). Atualmente, sua autodenominação é Kawaiwete, que significa “índio verdadeiro” (BRASIL, 2014, n.p.).

As primeiras notícias etnográficas fiáveis sobre esse povo datam do fim do século XIX, fruto das viagens comandadas pelo antropólogo alemão Karl von den Steinen ao Xingu (GRÜNBERG, 2004, p. 41). No entanto, nas duas expedições feitas por Steinen, “[...] seu trajeto, de Cuiabá ao rio Paranatinga e deste aos formadores do rio Xingu, não cortava o território habitado pelos caiabis” (TRAVASSOS, 1993, p. 447). Seus dados foram, então,

---

<sup>2</sup> Original: “[...] en guerre avec les Cahajis”. Grünberg aponta que, talvez, a forma Cahaji esteja na categoria “dos frequentes erros tipográficos de substituição de b por h” (2004, p.38, grifo do autor).

organizados a partir de documentos da Diretoria de Índios da Província de Mato Grosso e dos relatos de indígenas Bakairi. Vale salientar que Steinen chegou a conhecer alguns Kayabí, como Luiza e Maria, mulheres que haviam sido capturadas pelos Bakairi ainda na juventude (Fig. 1):



**Fig. 1 – Ilustração: Luiza Cajibi**

**Fonte: STEINEN, 1942, p. 148.**

Descritos como aguerridos por povos rivais, os Kayabí mantiveram sua resistência e se preservaram como tribo fechada até meados de 1930 (GRÜNBERG, 2004, p. 60), embora tenham sido alvo de diversas tentativas de contato nos primeiros anos do século XX. Para além do contato gerado por incursões extrativistas exploratórias, houve a expedição realizada, em 1915, pela Comissão Rondon e o Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Comandada por Antonio Pyrineus de Sousa, ao longo do Rio Teles Pires, essa empreitada gerou um relatório descrito como “a melhor fonte etnográfica sobre os caiabis” (MELIÁ, 1993, p. 496), ademais de ter promovido diversas situações de interação, ao longo de dez dias, nas quais

[...] houve trocas de presentes – machados, facões e contas de vidro – por alguns enfeites indígenas. Os caiabis apareciam em grupos de cem e até duzentas pessoas. Os presentes acabaram, e os caiabis, vendo suas expectativas insatisfeitas, deram claras mostras de hostilidade. A expedição teve que se retirar apressadamente, e ainda foi perseguida. O intento de um contato pacífico e estável não se realizou nesta ocasião [...]. (MELIÁ, 1993, p. 496)

Ainda no âmbito dos esforços de pacificação, foi fundado, em 1922, um “Posto de Atração dos Cajabis”, chamado Posto Indígena Pedro Dantas, no Rio Verde, o qual seria totalmente destruído por ataque dos Kayabí dois anos depois, resultando na morte de dois funcionários (MELIÁ, 1993, p. 497). A criação do Posto era uma resposta à reivindicação

contida num relatório da Inspetoria do Mato Grosso, de 1918, de que fosse feita “a pacificação dos Cajabis para pôr trégua às lutas entre estes índios e os Bacairis, por um lado (os Bacairis já aldeados) e entre Cajabis e seringueiros, por outro” (BRASIL, 1958, p. 1). O Posto foi restabelecido em 1925, em outra localização, aonde chegaria, no ano seguinte, o primeiro grupo de indígenas (GRÜNBERG, 2004, p. 57). Não obstante, ainda presente no início de 1927, a tensão redundaria na morte de mais um empregado do posto (Fig. 2).

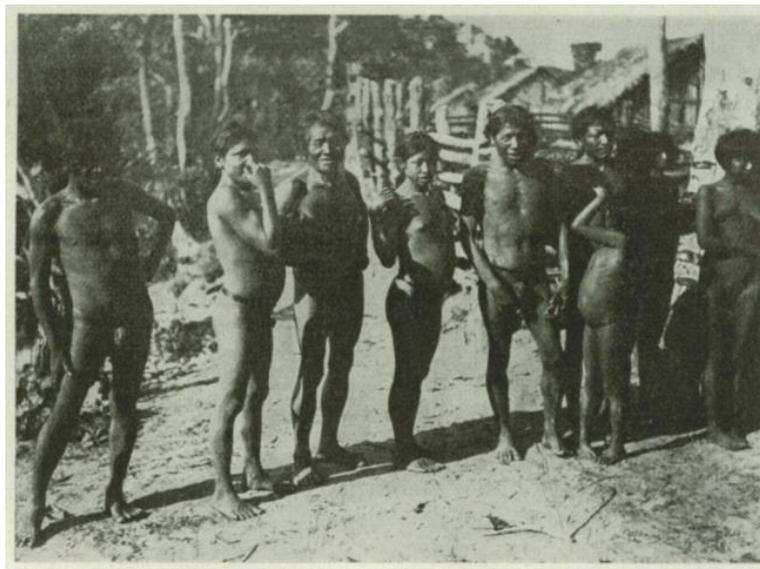


**Fig. 2 – Fotografia: Casas no Posto Indígena Pedro Dantas**

**Fonte: MUSEU DO ÍNDIO, 1927, n.p.**

É nesse contexto que, conforme Grünberg (2004, p. 58), o alemão Max Schmidt chega com uma tropa do SPI ao Posto Pedro Dantas, onde permanece por quase dois meses. Contudo, sua interação pessoal com os Kayabí é contada em oito dias, sempre dentro dos limites do posto e sob a escolta armada do SPI (Fig. 3). Ainda assim, ele é tido como o primeiro etnólogo a tentar estudar o povo, com grandes dificuldades frente à postura bravia dos indígenas e às doenças tropicais que o acometiam.

No breve tempo em que permaneceu entre os Kayabí, Schmidt registrou alguns vocábulos da língua, embora os indígenas demonstrassem “absoluta recusa em revelar qualquer coisa de sua língua” (SCHMIDT apud GRÜNBERG, 2004, p. 58). Diante da impossibilidade de permanência de qualquer estudioso no território, outros aspectos da cultura permaneceram quase desconhecidos do ponto de vista etnográfico (GRÜNBERG, 2004, p. 59).



**Fig. 3 – Fotografia: O registro de Max Schmidt no Posto Pedro Dantas**

**Fonte: SCHMIDT, 1927, n.p.**

O Posto Pedro Dantas foi desativado em 1927, e reaberto em 1929, sob o nome de José Bezerra, 10 km ao sul do local anterior. Inicialmente “receosos e agressivos”, os Kayabí só começariam a lá permanecer a partir de 1940. Segundo Meliá (1993, p. 498), “a permanência dos caiabis nesse posto oscilava consideravelmente. Em 1953 as presenças efetivas eram de 23 pessoas; em 1954, 42; em 1955, 31; em janeiro de 1956, 28”. Relatos a respeito das condições de vida no local e de sua distância para as aldeias parecem esclarecer algumas das razões para sua falta de atratividade aos indígenas:

Há pouco tempo, três [Kaiabi] que tinham vindo em visita do Rio dos Peixes morreram de pneumonia e de uma infecção intestinal. Ao Posto falta tudo que é necessário, sobretudo medicamentos. Os índios têm de dormir no chão. O Kaiabi ‘Capitão Sabino’ (Ya’wat) queixa-se de que jamais alguém do SPI visitou os índios em sua aldeia, contando que a primeira maloca se encontra a quase 400 km rio abaixo. (DORNSTAUDER apud GRÜNBERG, 2003, p. 62)

Diante das diversas dificuldades de funcionamento, o Posto José Bezerra foi extinto em 1956, sendo os Kayabí dali transferidos para o Posto Simão Lopes na margem direita do Alto Teles Pires (GRÜNBERG, 2004, p. 62). Apesar da hostilidade na relação entre os indígenas e o SPI, Grünberg (2004) afirma que o trabalho de proteção realizado por essa instituição foi o mais importante até a década de 60, pois, segundo o autor, “sem sua intervenção, a maior parte das tribos por nós conhecidas e ainda existentes teriam sido dizimadas pelo extermínio ou integração forçada no proletariado rural” (p. 55).

Em 1943, teve início a chamada Expedição Roncador-Xingu, um programa de reconhecimento e mapeamento do Brasil central no âmbito das políticas de interiorização do governo de Getúlio Vargas, liderada pelos irmãos Villas Bôas. Nessa expedição, teve lugar a “Operação Cayabi”, que promoveu a transferência do “principal grupo de Kaiabí do Rio dos Peixes para o Parque Nacional do Xingu” (GRÜNBERG, 2004, p. 63), em 1966. Em 1978, o Parque Nacional do Xingu teve seu nome alterado para Parque Indígena do Xingu, o PIX.

Com a sobrevivência cultural do grupo ameaçada, em face do constante avanço das frentes seringalistas em suas terras, a situação dos Kayabí era crítica, e não havia organizações que satisfatoriamente os apoiassem como mediadoras nesses conflitos. A fim de evitar a integração dos indígenas aos trabalhos nos seringais, prevaleceu a proposta dos irmãos Villas Bôas de transferi-los para o PIX (ISA, 2011, p. 92).

### 2.3 OS KAYABÍ NA ATUALIDADE

A dispersão territorial dos Kayabí é um testemunho das controvérsias que envolveram o processo de deslocamento de grupos para o Xingu. Enquanto parte dos indígenas consentiu com a transferência, um contingente negou-se a deixar sua terra. Segundo Senra (p. 252),

A maioria da população Kaiabi reside atualmente no médio curso do Rio Xingu no estado do Mato Grosso, em seu trecho que corta o Parque Indígena do Xingu. As diversas aldeias localizam-se à montante e à jusante do Posto Indígena Diauarum, na porção norte do Parque, em território habitado anteriormente pelas etnias Yudjá, Suyá e Trumai, entre outras. Uma pequena parcela dos Kaiabi vive atualmente no baixo Teles Pires, em uma área indígena localizada já no estado do Pará, para onde foram sendo empurrados ao longo dos séculos XIX e XX pela progressiva ocupação de suas terras tradicionais mais ao sul. A pequena parcela da população do Rio dos Peixes, que se recusou a ir para o PIX em 1966, permanece até hoje em uma reduzida área que divide com alguns remanescentes Apiaká e Munduruku, localizada abaixo do grande salto deste rio no Mato Grosso. Diversos eventos culminaram no deslocamento da maior parte da população Kaiabi de seus territórios tradicionais e, por conseguinte, as duas áreas atualmente habitadas por eles fora do PIX representa apenas uma diminuta parcela do território ancestral do grupo. (SENRA et al. In GRÜNBERG, 2004, p. 252)

Ainda de acordo com Senra (2004, p. 252), além da recuperação demográfica e cultural, os Kayabí também têm buscado uma recuperação das áreas de ocupação tradicional nas regiões do Rio Teles Pires e do Rio dos Peixes. No entanto, o autor destaca que a demarcação de terras indígenas encontra resistência de diversas ordens, tanto por parte dos ocupantes não índios, como devido a interesses políticos e econômicos na região (SENRA, 2004, p. 255).

A respeito da situação demográfica dos Kayabí, houve perda de cerca de 60% a 70% de seu contingente no século XX (SENRA, 2004, p. 256). Conforme aponta Meliá (1984, p. 9), “a resistência ativa dos Kayabí contra o avanço e exploração dos seringueiros e o contágio de enfermidades epidêmicas dizimaram a população”. De acordo com Senra (2004), a recuperação populacional começou a ocorrer principalmente a partir dos anos 1970, tendo havido, até 1999, um incremento populacional de 4,5% ao ano dentro do PIX, com o número de habitantes passando de 204 para 758. Ademais, segundo o autor,

O mesmo se verifica para as outras duas áreas atualmente habitadas pelos Kaiabi. A população do grupo no Rio dos Peixes e no sul do Pará (Teles Pires) também encontra-se em franca recuperação populacional. Estas altas taxas de crescimento também são encontradas em muitos outros grupos indígenas atualmente após conseguirem superar o nadir de sua curva demográfica (SENRA, 2004, p. 256-257).

Segundo dados mais recentes, fornecidos pelos Instituto Socioambiental, a população de Kayabí era de 2242 pessoas, em 2014.

### 3 A LITERATURA LINGÜÍSTICA SOBRE O KAYABÍ: UM PANORAMA

Nesta seção, apresentar-se-á uma síntese da gramática do Kayabí. Para tanto, utilizar-se-á, principalmente, os trabalhos de Dobson (1973, 1997, 2005) e Weiss (1998), além de Souza (2004), Gomes (2007) e Braga (2016). Em *3.1 Tipologia*, apresentar-se-á os padrões oracionais detectados. Nos itens *3.2 Classes Nominais*, *3.3 Sistema Pronominal*, *3.4 Posposições* e *3.5 Verbos*, discutir-se-á os processos morfológicos fundamentais e a composição das principais categorias lexicais existentes na língua. Por fim, em *3.6 Outras análises*, trar-se-á um apanhado de possibilidades interpretativas dos dados, a partir de perspectivas teóricas outras que as adotadas na presente pesquisa.

Ressalta-se que, neste capítulo, foram mantidas, tanto quanto possível, as glosas e abreviaturas utilizadas pelos autores dos trabalhos originais.

#### 3.1 TIPOLOGIA

Classificações tipológicas divergentes são apresentadas para o Kayabí. Para Souza (2004, p. 35), a língua possui padrão oracional básico OSV, podendo exibir ordem SOV em construções topicalizadas. A autora sistematiza as ordens de constituintes elencadas por Dobson (1997), nos seguintes exemplos:

O (substantivo) e S (pronome) → OSV

- (1)    ʔmiar-a    je    a-juk-a    ko  
       onça-MN    1    1-matar-TN    ATEST<sup>3</sup>  
       ‘matei uma onça’ (DOBSON, 1997, p. 93; SOUZA, 2004, p. 35)

S (substantivo) e O (pronome) → SOV

- (2)    je-i            ẽẽ        ʔŋa        mo-jemiʔwat  
       minha.mãe    3sfH    3smH    CAUS-comer  
       ‘minha mãe deu comida a ele’ (DOBSON, 1997, p. 93; SOUZA, 2004, p. 36)

S (pronome) e O (pronome) → V (forma presa suj) S (forma livre) O

- (3)    a-nupã    je    ʔŋa  
       1-bater    1    3smH  
       ‘eu bati nele’ (DOBSON, 1997, p. 94; SOUZA, 2004, p. 36)

<sup>3</sup> Em Souza (2004), o exemplo não inclui a partícula *ko*.

As partículas interrogativas ocorrem em posição inicial da oração:

- (4) maʔja te ene rera  
 o.quê INTER 2POSS nome  
 ‘qual é o seu nome?’ (DOBSON, 1997, p. 93; SOUZA, 2004, p. 35)

Gomes (2007, p. 86), por sua vez, advoga que a ordem básica mais atestada com argumentos NP seria SOV, como em (5) e (6), embora afirme que a ordem OSV seja a mais frequente na língua com sujeitos pronominais (p. 90), conforme (7) e (8). Segundo ele, “a ordem OSV é tão produtiva na língua, uma vez que os sujeitos são geralmente expressos por pronomes, que Souza (2004) postulou-a como a ordem básica do Kayabí” (GOMES, 2007, p. 90)<sup>4</sup>.

#### SOV

- (5) iwia je-kupe a-ʔu-pap  
 chão 1-costas 3-comer-tudo  
 ‘o chão acabou (com) as minha costas’ (GOMES, 2007, p. 86)
- (6) wirasokwẽ rúpia o-muat  
 galinha ovos 3-pôr  
 ‘a galinha põe ovos’ (GOMES, 2007, p. 86)

#### OSV

- (7) uʔiwa ʔɲa o-mopen  
 flecha 3MFH 3-quebrar  
 ‘ele quebra a flecha’ (DOBSON, 1997, p. 106; GOMES, 2007, p. 90)
- (8) waiti ẽẽ i-patuk-a  
 roupa 3FFH R<sup>2</sup>-bater-GER  
 ‘ela bate a roupa (para lavar)’ (WEISS, 1998, p. 179)

Relativamente à tipologia morfológica, segundo Comrie (1989), há dois parâmetros pelos quais se pode classificar uma língua: o *índice de síntese*, referente à quantidade de morfemas por palavra, e o *índice de fusão*, relacionado à quantidade de informação flexional expressa em um morfema. O primeiro índice abrange um espectro que vai de língua isolante, em que cada palavra consiste de apenas um morfema, a língua polissintética, em que uma palavra é constituída de diversos morfemas. Já o índice de fusão estabelece uma escala que vai

<sup>4</sup> Também foram constatados na língua os padrões SVO, OVS, VSO, VOS e OVS (cf. GOMES, 2007, p. 86).

de línguas aglutinativas, com um significado por morfema, a línguas fusionais, que concentram diversos significados em um mesmo morfema.

Diante disso, de acordo com Braga (2016), o Kayabí oscilaria entre um padrão aglutinante e sintético. Isso porque, segundo o autor, em algumas instâncias, a palavra exibiria “um padrão totalmente aglutinativo”, como em (9), enquanto, em outras, “uma frase inteira aparece em uma palavra fonológica” (p. 16), como em (10).

(9) waiw-a                      kina    je    muʔj-aù    t-aiti            are  
 velha=mulher-MN    3fs    1    ensinar-TN    INDF-rede    sobre  
 'uma mulher velha ensinou-me como fazer redes'  
 (DOBSON, 2005, p. 10; BRAGA, 2016, p. 16)

(10) n-i-mo-ũn-aw-i<sup>5</sup>  
 NEG-3-CAUS-preto-NOM-NEG  
 'não é aquele que é pintado'  
 (DOBSON, 2005, p. 15; BRAGA, 2016, p. 17)

### 3.2 CLASSES NOMINAIS

Conforme Dobson (1973) e Weiss (1998), os substantivos em Kayabí são organizados em três classes, seguindo um critério de posse: (I) a dos obrigatoriamente possuídos, composta por nomes de partes do corpo, termos de parentesco, substantivações com *-mi-*; (II) a dos opcionalmente possuídos, contendo nomes de animais domesticados, artesanato, utensílios, ferramentas e vestuário; e (III) a dos não possuídos, que inclui elementos da natureza, objetos da selva e animais.

Segundo Weiss (1998, p. 83),

A posse pode ser definida pela anteposição de outro substantivo ou por um prefixo pronominal, ou pode ser indefinida [...] A posse definida é ou referencial, levando prefixos pronominais da Classe 4, ou correferencial (se referindo ao sujeito principal da oração) levando prefixos pronominais da Classe 5.

Os prefixos pronominais são morfemas que organizam os substantivos, verbos, descritivos e relacionadores da língua em dois grupos – as chamadas Série A e Série B. Segundo Weiss (1998, p. 78), essa classificação depende tanto de fatores fonológicos, como início de

---

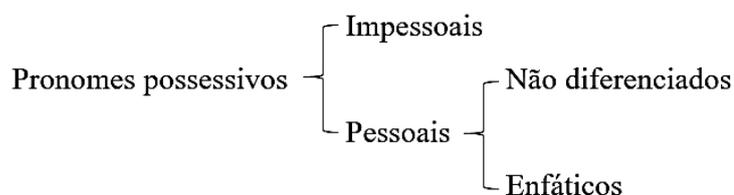
<sup>5</sup> Note-se que o *n* inicial é a partícula *na* que perde a vogal antes de outra vogal ao cliticizar-se à palavra seguinte. Mas *na* não faz parte da estrutura morfológica do tema verbal.

palavra com vogal ou consoante, quanto de fatores sintáticos, como a já mencionada posse, no caso dos substantivos. Por isso, “em termos gerais, isto implica que radicais combinando com a Série B levam um marcador de ligação r-, enquanto outros antepõem i- da Série A” (WEISS, 1998, p. 78). Ainda conforme a autora, alguns destes marcadores podem funcionar como pronomes livres, posicionando-se após verbos e descritivos independentes.

Há cinco classes de prefixos pronominais, organizadas da seguinte maneira, de acordo com Weiss (1998, p. 82):

- Classe 1: precedem verbos independentes transitivos e intransitivos, e de enfoque na 2ª pessoa;
- Classe 2: precedem descritivos independentes;
- Classe 3: precedem verbos dependentes intransitivos;
- Classe 4: marca o possuidor de substantivo, o objeto de relacionadores (não correferenciais), objeto de verbos transitivos, enfoque de 1ª e 3ª pessoa, modo permissivo, nominalizadores, pronome livre seguindo verbos intransitivos e os descritivos marcando o sujeito (4A);
- Classe 5: precedem descritivos dependentes, posse correferencial de substantivos, objeto correferencial de relacionadores.

Como às Classes de 1 a 3 pertencem prefixos que se unem apenas a verbos e/ou descritivos, são as Classes 4 e 5, que se ligam também a substantivos, o foco nesta seção do trabalho. É importante notar ainda que, na gramática de Dobson (1973, p. 3), os prefixos pronominais são apresentados como pertencentes à categoria dos pronomes possessivos:



**Fig. 4 – Fluxograma: Categorias de Pronomes Possessivos**

**Fonte: DOBSON, 1973, p. 3**

Assim, a Classe 4 de Weiss equivale à chamada classe de *pronomes não diferenciados* em Dobson (1973), enquanto a Classe 5 corresponde à dos *pronomes enfáticos*. Ademais, a marca de *posse indefinida* (WEISS, 1998, p. 83), indicada pelos prefixos *i-* da Série A, ou *t-*, *ʔ-* e *#-* da Série B, é análoga aos *pronomes impessoais* (DOBSON, 1973, p. 4). Tais relações foram aqui sintetizadas nos quadros 1 e 2<sup>6</sup>:

<sup>6</sup> Adaptados de Dobson (1973; 2005) e Weiss (1998).

(I)

	WEISS		DOBSON		
	Classe 4A	Classe 4B	Pronomes não diferenciados da Classe A	Pronomes não diferenciados da Classe B	
1s	je (-)	jer-	1s	je-	jer (e)-
2s	ene (-)	ener-	2s	ene-	ener (e)-
3mfh	ʔŋa (-)	ʔŋar-	3mfh	ʔŋa-	ʔŋar (e)-
3mfm	kĩa (-)	kĩar-	3mfm	kĩã-	kĩār (e)-
3ffh	ẽẽ (-)	ẽẽr-	3ffh	ẽẽ-	ẽẽr (e)-
3ffm	kina (-)	kinar-	3ffm	kina-	kinar (e)-
1pi	jane (-)	janer-	1+2	jane-	janer (e)-
1pe	ore (-)	orer-	1+3	ore-	orer (e)-
2pl	pẽ (-)	pẽn-	2pl	pẽ-	pẽn-
3plfh	ʔŋã (-)	ʔŋãn-	3plfh	ʔŋã-	ʔŋãn (e)-
3plfm	wã (-)	wãn-	3plfm	wã-	wãn (e)-
3	i-	t-/-ʔ <sup>7</sup> /-∅ <sup>8</sup>	humano	ai-	aire-

Quadro 1 – Prefixos da Classe 4<sup>9</sup>

(II)

	WEISS		DOBSON		
	Classe 5A	Classe 5B	Pronomes enfáticos da Classe A	Pronomes enfáticos da Classe B	
1s	te-	tej-	1s	te-	teje-
2s	e-	ej-	2s	e-	je-
3s	o-	u-/w-	3s	o-/u-	we-
1pi	jare-	jarej-	1+2	jare-	jareje-
1pe	oro-	oroj-	1+3	oro-	oroje-
2pl	peje-	pejej-	2pl	peje-	pejeje-
3pl	o-	u-/w-	3pl	o-/u-	we-

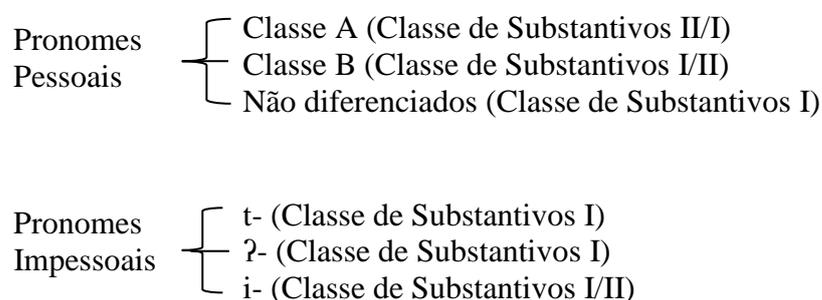
Quadro 2 – Prefixos da Classe 5

<sup>7</sup> Note-se que a glotal não aparece no quadro fonológico citado, apenas em exemplos.

<sup>8</sup> Em Dobson (2005, p.58), os prefixos que aparecem são *i-* para a classe A e  $\emptyset$  para a classe B.

<sup>9</sup> O pronome de 3ª pessoa masculina na fala da mulher aparece grafado de duas maneiras: *kĩa* (DOBSON, 1973; WEISS, 1998) e *kĩã* (DOBSON, 1997, 2005; SOUZA, 2004; GOMES, 2007). Neste trabalho, adotou-se a grafia *kĩã*.

Ademais, para Dobson (1973, p. 4), “os substantivos da Classe I podem ser subdivididos, morfologicamente, em subclasses, de acordo com os pronomes impessoais empregados”. Assim, os pronomes *t-* e *ʔ-* indicariam apenas *posse não especificada*, enquanto o pronome *i-*, se empregado com partes do corpo ou termos de parentesco, indicaria *posse animada não especificada*, como em ‘mãe de alguém’ (DOBSON, 1997, p. 63); se utilizado com outro item da Classe I, indicaria *posse impessoal*; e, se empregado com qualquer termo da Classe II, indicaria *posse não específica*, como em ‘fígado de porco’ (DOBSON, 1997, p. 76). A autora sintetiza esse sistema da seguinte maneira:



**Fig. 5 – Fluxograma: Sistema Pronominal**

**Fonte: DOBSON, 1973, p. 7**

### 3.2.1 Comentários acerca da terminologia utilizada

Em *Notas sobre substantivos do kayabi* (DOBSON, 1973), Dobson inclui a vogal *e-* como parte dos prefixos da Série B, destacando que ela seria omitida diante de raízes iniciadas por vogais. Já em *Aspectos da Língua Kayabi* (DOBSON, 2005), ao analisar a estrutura oracional no Kayabí, essa vogal final não é incluída, e as listas de pronomes não diferenciados e pronomes enfáticos aparecem sob o nome de *pronomes objetivos de verbos intransitivos* (p. 28) e *pronomes subjetivos* (p. 30), respectivamente.

Em *Gramática prática com exercícios da Língua Kayabi* (DOBSON, 1997, p. 67), os pronomes enfáticos são chamados de *pronomes reflexivos*. Segundo a autora, “alguns pronomes possessivos se referem à pessoa do sujeito e assim obrigam o uso dos pronomes reflexivos. Mas outros se referem às outras pessoas, e, assim, pedem os pronomes não reflexivos” (DOBSON, 1997, p. 69). Os *pronomes não reflexivos* referem-se, no caso, aos *pronomes não diferenciados*.

Assim, tem-se que as mesmas unidades morfológicas são apresentadas sob denominações distintas, dependendo do contexto em que aparecem (nominal ou verbal). Neste

ponto, não é possível precisar se, e em que medida, essas variações refletem uma revisão ou um aprimoramento das análises por parte da autora. Entretanto, é notório o prejuízo que a falta de univocidade terminológica representa à compreensão e à leitura conjunta dos escritos, como uma só obra.

Quanto aos marcadores de ligação *r-* e *i-* (WEISS, 1998), neste trabalho, eles serão analisados seguindo a proposta de Rodrigues (2010 [1981]), que identifica os prefixos que estabelecem relações entre temas dependentes (verbos, nomes e posposições) e seus respectivos determinantes como *prefixos relacionais*. Cabral (2001) apresenta dados que reforçam a análise de Rodrigues, em um estudo dos prefixos relacionais em várias línguas Tupí-Guaraní. Aqui, é importante destacar que os prefixos relacionais não se confundem com os relacionadores descritos por Dobson (2005).

### 3.3 SISTEMA PRONOMINAL

De acordo com definição de Cunha e Cintra (2012, p. 289), “os pronomes desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais” e, assim, servem para “representar um substantivo” e “para acompanhar um substantivo determinando-lhe a extensão do significado”. Relativamente aos pronomes pessoais, tem-se que cada pessoa gramatical serve para indicar os participantes do discurso: quem fala (1ª pessoa), a quem se fala (2ª pessoa) e de quem se fala (3ª pessoa).

Entre formas singulares e plurais, o Kayabí parece inovar em relação a outras línguas da família Tupí-Guaraní, ao manifestar distinção de gênero gramatical nos pronomes de terceira pessoa, de acordo com o sexo do falante e do referente. Além desses, há dois pronomes de 1ª pessoa do plural distintos – os chamados *inclusivo* e *exclusivo*. O primeiro, *jane*, inclui a pessoa ou pessoas com quem se fala; o segundo, *ore*, não inclui o interlocutor, como nos exemplos (11) e (12).

(11) ?y pe jane oì  
 ‘nós todos (incluindo você(s)) iremos ao rio’ (DOBSON, 1997, p. 13)

(12) ?y pe ore oì  
 ‘nós (eu e uma outra ou mais pessoas mas você não) iremos ao rio’ (DOBSON, 1997, p. 13)

Souza (2004, p. 39) esclarece que “os pronomes pessoais em kaiabi podem ocorrer na forma livre e na forma presa”, sendo os pronomes livres objetivos de verbos transitivos os que apresentam marcação de gênero, como mostrado no quadro 3:

(III)

1s		je	
2s		ene	
3s	masculino	kĩã (mf)	ʔŋa (hf)
	feminino	kinã (mf)	ẽẽ (hf)
1pl	inclusivo	jane	
	exclusivo	ore	
2pl		pẽ	
3pl		wã (mf)	ʔŋã (hf)

**Quadro 3 – Pronomes livres objetivos de verbos transitivos**  
**Fonte: SOUZA, 2004, p. 39**

Segundo Dobson (1997, p. 14), a seleção de formas pronominais condicionadas pelo sexo do falante caracteriza a existência, no Kayabí, das chamadas falas masculina e feminina. Por exemplo, a oração “aonde ele vai?”, dita por um homem, seria *Maʔape te ʔŋa oì?*, enquanto uma mulher diria *Maʔape te kĩã oì?*. A resposta também está relacionada ao sexo da pessoa que fala, independentemente do de quem pergunta, como no exemplo (13):

- (13) O homem pergunta: *Maʔape te ʔŋa oì?*      ‘Aonde ele vai?’  
 A mulher responde: *Ko pe kĩã oì.*              ‘Ele vai para a roça.’

A respeito dos pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoa, Souza (2004) ressalta que, enquanto eles apontam para as pessoas do discurso – o falante e o ouvinte, a terceira pessoa, *a pessoa de quem se fala*, é tratada como uma “não pessoa”, o membro não marcado no ato da enunciação. Todavia, em suas palavras, “em kaiabi quando se faz referência à 3ª pessoa, *ele* necessariamente se aponta para o *eu*, o locutor, pois o gênero do locutor e do referente definem o pronome a ser utilizado” (SOUZA, 2004, p. 40, grifo do autor). Nas narrativas, no entanto, quando os gêneros dos participantes são diferentes, o discurso direto refletiria o locutor da referida oração, sem levar em consideração o gênero do narrador.

No trecho abaixo, em análise de exemplo trazido por Dobson (2005, p. 62), Souza (2004, p. 41) destaca que, mesmo os pronomes de terceira pessoa estando marcados apenas pela 3ª pessoa do masculino (o gênero do referente), pode-se identificar as vozes do narrador feminino

e do personagem masculino no discurso direto, graças à presença dos pronomes correspondentes (*kĩã* e *ʔŋa*, respectivamente) (exemplo 14).

- (14) “e-jot ʔŋa r-esak-a ʔwe” ʔj-auĩ kĩa eumer-a upe.  
 2s=IMP-*vir* 3ms OBJ-*ver*-TN VOC dizer-TN 3ms *cadáver*-MN para  
 “Venha vê-lo”, disse meu marido, acerca do cadáver.’

“e-jot ʔŋa r-esak-a ʔwe”. aʔe pe jer-aʔir-a kĩa niapoĩ.  
 2s=IMP-*vir* 3ms OBJ-*ver*-TN VOC aquele em 1s-*filho*-MN 3ms *fraquinho*  
 “Venha vê-lo.” Nesta época meu filho estava passando mal.’

aʔeramũ kĩa o-roʔi-ramũ. aʔeramũ te-jor-eʔem-a esak-a.  
 CONJ 3ms 3-*febre*-TN CONJ 1s-*vir*-NEG-TN *ver*-TN  
 ‘Estava com febre. Por isso, eu não fui vê-lo.’

No tocante à ocorrência de pronomes com substantivos, Dobson (1997, p. 77) diz que “quando se fala de uma pessoa, normalmente se inclui o pronome junto com o nome ou substantivo” e que “o pronome também pode ser utilizado com animais para indicar o sexo deste”. Sobre esse aspecto, Souza (2004, p. 42) traz novos exemplos:

- (15) jetig-a ẽẽ o-mono kawĩ pipe  
 batata-doce=MN 3sfH 3s-*colocar* mingau dentro  
 ‘ela coloca batata-doce no mingau’

- (16) tapiʔir-a kĩa kaʔa a-ʔu  
 anta-MN 3smM folha 3s-*comer*  
 ‘a anta come folha’

- (17) ajuru ʔŋa iʔwa a-ʔu  
 papagaio 3smH fruta 3s-*comer*  
 ‘o papagaio come fruta do mato’

- (18) juʔi ʔŋa w- ipiwig-amũ a-w-au a-wu-a ʔiri-piter ipe  
 sapo 3smH 3-*afundar*-TN 3-*ir*-TN 3-*flutuar*-TN água-meio em  
 ‘o sapo, afundando, saiu e apareceu no meio do lago’ (DOBSON, 2005, p. 68)

Aqui, Souza (2004) vai além, ao apontar a função discursiva que a manifestação dos pronomes parece ter, de fazer referência ao locutor, e não apenas acompanhar o nome. Seria esse também o caso dos pronomes que ocorrem junto a nome de animal, como em (19):

- (19) tapiʔir-a ʔŋa kaʔa a-ʔu  
 anta-MN 3smH folha 3s-comer  
 ‘a anta come folha’

Nesse contexto, segundo a autora, “pode ocorrer a forma ‘neutra’, em que o locutor não é marcado, o que mostra que a ocorrência do pronome, nestes casos, não é obrigatória” (SOUZA, 2004, p. 42)<sup>10</sup>. Os exemplos (20) e (21) ilustram essa afirmação (SOUZA, 2004, p. 42):

- (20) tapiʔir-a kaʔa a-ʔu  
 anta-MN folha 3s-comer  
 ‘a anta come folha’

- (21) tapiʔi-kuimaʔe-a kaʔa a-ʔu  
 anta-macho-MN folha 3s-comer  
 ‘a anta-macho come folha’

Outro ponto destacado por Souza (2004, p. 43) é o de que não é comum pronomes com distinção de gênero nas línguas Tupí. Em algumas línguas, como o Awetí e o Kamaiurá, haveria variação dos prefixos de terceira pessoa de acordo com o sexo do falante e partículas indicativas de sexo, respectivamente, mas nunca o uso de partícula ou pronome condicionado tanto pelo gênero do falante quanto do referente, como em Kayabí.

A autora também aborda a questão da interlocução, não discutida em Dobson (1973, 1997, 2005). Segundo ela,

no ato de “contar histórias”, mesmo que haja um grupo grande de ouvintes, o narrador kaiabí se remete a apenas um ouvinte. Para isso, ele utiliza partículas que indicam quem fala e para quem se fala (através delas, sabe-se o sexo do falante e do ouvinte). Além disso, estas partículas têm uma função fática; quando o contador de história as utiliza, o interlocutor - aquele para quem a história está sendo contada - responde (SOUZA, 2004, p. 43).

Souza (2004, p. 44) acrescenta ainda que tais partículas, apresentadas no quadro 4, ocorrem sempre em final de oração, e, nas situações de conversa informal, definem a interlocução, mas não exigem resposta do interlocutor:

<sup>10</sup> Nesse caso, seria mais apropriado analisar o uso dos nomes desacompanhados de formas pronominais como formas genéricas, em vez de formas “neutras”, como Souza (2004) apresenta.

## (IV)

Ouvinte Falante	Homem	Mulher
Homem	kuĩ	ĩ
Mulher	kĩʔĩ	kin

**Quadro 4 – Partículas de interlocução**

Fonte: SOUZA, 2004, p. 44

São exemplos:

- |      |                |  |
|------|----------------|--|
| (22) | opa ʔɲa raʔe   | ‘ele já acordou’ (não atestado) – homem falando  |
| (23) | opa ẽẽ raʔe    | ‘ela já acordou’ (não atestado) – homem falando  |
| (24) | opa kinã raʔe  | ‘ela já acordou’ (não atestado) – mulher falando |
| (25) | opa kiã raʔe   | ‘ele já acordou’ (não atestado) – mulher falando |
| (26) | opa je ko      | ‘eu já acordei’                                  |
| (27) | opa je ko kĩaĩ | ‘eu já acordei’ (mulher falando para homem)      |
| (28) | opa je ko kin  | ‘eu já acordei’ (mulher falando para mulher)     |

De acordo com Souza (2004), Dobson apresenta tais partículas como vocativos e não aborda a questão do gênero do falante e referente. No entanto, análises posteriores parecem confirmar a relação entre os gêneros de um e outro.

## 3.4 POSPOSIÇÕES

Segundo Dobson (2005, p. 46), as posposições, também chamadas de *relacionadores* e *posposicionais*<sup>11</sup>, são palavras gramaticais que servem para relacionar um sintagma nominal ou pronome ao complemento de uma oração, além de indicar trajetória, localização, tempo, maneira e alvo. Ainda segundo essa autora, as posposições se combinam com substantivos e prefixos pronominais das Classe 4 (referenciais) e 5 (correferenciais) (WEISS, 1998, p.84)<sup>12</sup>. Alguns exemplos são:

<sup>11</sup> Cf. Dobson (1973, 1997, 2005) e Weiss (1998)

<sup>12</sup> Para uma lista completa, cf. Dobson (2005, p. 46) e Weiss (1998, p. 84).

- (29) **Rupi:** ‘ao longo de’ ou ‘através de’:

kaʔa rupi je oì  
‘fui pela mata’

ʔy rupi je oì  
‘fui pelo rio’

- (30) **Pype:** ‘para dentro’:

jua teʔã ose ài pype  
‘o espinho entra nas pessoas’

- (31) **Pe:** ‘para, a’, implica um destino:

ʔy pe je oì  
‘fui para o rio’

### 3.5 VERBOS

A língua Kayabí possui uma produtiva morfologia verbal, e permite a expressão de informações lexicais e gramaticais, tais como argumentos, número e pessoa, por meio de afixos (GOMES, 2007, p. 33). Enquanto em português, por exemplo, as classes de verbos são definidas com base em terminações (-ar, -er, -ir), no Kayabí são os prefixos os elementos-chave para a categorização. Esses prefixos, chamados por Dobson (2005) de *marcadores subjetivos* e *objetivos*, juntamente com outros “elementos opcionais de aspecto e de negativo” (p. 26), agregam-se ao radical, e formam com ele a *palavra verbal*.

As orações no Kayabí são divididas por Dobson (2005, p. 6) em *eventivas*, *estativas* e *equativas*. Dado que este último tipo refere-se a orações não verbais, os marcadores subjetivos classificam os verbos eventivos, transitivos e intransitivos, e estativos (DOBSON, 2005, p. 26). Os eventivos são divididos em três classes, 1, 2 e 3, de acordo com os prefixos da primeira pessoa inclusiva – *si-* para os transitivos e *sa-* para os intransitivos –, enquanto os estativos organizam-se em duas séries, A e B.

Relativamente à diferença terminológica, é válido pontuar que, no trabalho de Gomes (2007), os verbos eventivos, tais como *correr*, *nadar* e *dormir*, são chamados de *ativos*, e tanto os transitivos quanto os intransitivos dessa classe unem-se aos prefixos pessoais da Série Ativa para expressar o sujeito (GOMES, 2007, p. 34). Já os verbos estativos correspondem aos *não*

*ativos*, e “expressam a ideia de que o sujeito possui uma certa qualidade, experiência, algum estado físico ou psicológico ou possui alguma coisa” (GOMES, 2007, p. 36). Eles recebem os prefixos da Série Não Ativa, a qual é usada “para expressar o sujeito do verbo intransitivo não ativo e o objeto direto do verbo transitivo” (GOMES, 2007, p. 35).

Os exemplos (32), (33) e (34) referem-se a verbos da Série Ativa, e os de número (35) e (36), aos da Série Não Ativa:

(32) a-nupã je ʔŋa  
1-bater 1 3  
‘eu bati nele’ (DOBSON, 1997, p. 94)

(33) a-set je  
1-dormir 1  
‘eu dormi’ (DOBSON, 2005, p. 23)

(34) awasia jane si-tim  
milho 1PL.INCL 1PL.INCL-plantar  
‘nós plantamos milho’ (DOBSON, 1997, p. 50)

(35) je-roʔi je  
1-febre 1  
‘tenho febre’ (DOBSON, 1997, p. 44)

(36) sa-pita jane  
1PL.INCL-ficar 1PL.INCL  
‘nós ficamos’ (DOBSON, 1997, p. 22)

Os prefixos pessoais das Séries Ativa e Não Ativa estão sintetizados nos quadros 5, 6 e 7, a seguir. Com os verbos intransitivos não ativos, é utilizado o sufixo *-(r)amu* (cf. GOMES, 2007, p. 41):

(V)

-nupã ('bater')			-esak ('ver')		
Pessoa	Singular	Plural	Pessoa	Singular	Plural
1	<i>a-nupã</i>	<i>si-nupã</i> INCL <i>oro-nupã</i> EXCL	1	<i>a-esak</i>	<i>si-esak</i> INCL <i>aru-esak</i> EXCL
2	<i>(e)re-nupã</i>	<i>pe-nupã</i>	2	<i>(e)re-esak</i>	<i>pe-esak</i>
3	<i>o-nupã</i>	<i>o-nupã</i>	3	<i>w-esak</i>	<i>w-esak</i>

**Quadro 5 - Série Ativa de verbos transitivos**

Fonte: BRAGA, 2016, p. 22<sup>13</sup>

(VI)

-set ('dormir')			-ata ('andar')		
Pessoa	Singular	Plural	Pessoa	Singular	Plural
1	<i>a-set</i>	<i>sa-set</i> INCL <i>oro-set</i> EXCL	1	<i>a-ata</i>	<i>sa-ata</i> INCL <i>aru-ata</i> EXCL
2	<i>(e)re-set</i>	<i>pe-set</i>	2	<i>(e)re-ata</i>	<i>pe-ata</i>
3	<i>o-set</i>	<i>o-set</i>	3	<i>w-ata</i>	<i>w-ata</i>

**Quadro 6 - Série Ativa de verbos intransitivos**

Fonte: BRAGA, 2016, p. 22<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Com adaptações baseadas em Dobson (1997, p. 71).

<sup>14</sup> Com adaptações.

## (VII)

-akim ('molhado')			-tineem ('cheio')		
Pessoa	Singular	Plural	Pessoa	Singular	Plural
1	<i>je-akim</i>	<i>jane-akim</i> INCL <i>ore-akim</i> EXCL	1	<i>je-r-ineem</i>	<i>jane-r-ineem</i> INCL <i>ore-r-ineem</i> EXCL
2	<i>(e)ne-akim</i>	<i>pe-akim</i>	2	<i>(e)ne-r-ineem</i>	<i>pe-n-ineem</i>
3	<i>i-akim</i>	<i>i-akim</i>	3	<i>#-tineem</i>	<i>#-tineem</i>

**Quadro 7 - Série Não Ativa de verbos intransitivos (independentes)**

Fonte: GOMES, 2007, p. 37<sup>15</sup>

Ademais, segundo Dobson (2005, p. 26) para cada verbo também há as formas *declarativa*, de *ênfase* e *narrativa*. Gomes (2007, p. 40) identifica essas categorias com as de Rodrigues (1954), já tradicionais nos estudos do Tupí-Guaraní, e associa: (1) as orações independentes, ou *declarativas*, às formas de Indicativo I (GOMES, 2007, p. 40); (2) a forma de *ênfase*, ao Indicativo II (GOMES, p. 43); (3) as orações dependentes, ou *narrativas*, ao gerúndio (GOMES, p. 41). Braga (2016), por sua vez, apresenta definições concernentes a cada forma verbal e relaciona exemplos, conforme sintetizado a seguir<sup>16</sup>:

## 1) Forma declarativa – Indicativo I

Abrange os verbos eventivos, da Série Ativa, e os intransitivos estativos, da Série Não Ativa. Contrariamente às formas narrativas, que comportam sentenças subordinadas, as formas declarativas simples são independentes, e formadas por um verbo lexical e um prefixo pessoal, como mostrado nos exemplos (37), (38), (39), (40) e (41) (BRAGA, 2016, p. 34). Por essa razão, o Indicativo I seria o paradigma verbal mais simples dentre os três apresentados.

*Série Ativa*

- (37) awasi-a      jane      *si-tim*  
milho-MN    1PL.INCL    1PL.INCL-plantar  
‘nós plantamos milho’ (DOBSON, 1997, p. 50)

<sup>15</sup> Com adaptações.

<sup>16</sup> Todas as definições e exemplos nos tópicos 1. *Forma declarativa*, 2. *Forma de Ênfase* e 3. *Forma Narrativa* encontram-se em Braga (2016, p. 33-38).

- (38) *sa*-pita            jane  
 1PL.INCL-ficar    1PL.INCL  
 ‘nós ficamos’ (DOBSON, 1997, p. 22)

*Série Não Ativa*

- (39) je-rewek    je  
 CL.1-cheio    1  
 ‘estou cheio’ (DOBSON, 1997, p. 46)
- (40) je-kije  
 CL.1-medo  
 ‘estou com medo’ (DOBSON, 1997, p. 23)
- (41) je-akim  
 CL.1-molhado  
 ‘estou molhado’ (DOBSON, 1997, p. 22)

2) Forma de enfoque – Indicativo II

Definida pelo acréscimo do sufixo *-i* à raiz verbal, a forma de enfoque pode ligar-se aos verbos transitivos ou intransitivos da Série Ativa. Sua função é a de focalizar sintagmas na oração, podendo ser eles referentes a pessoas, objetos ou eventos. Para isso, são empregadas posposições, advérbios, conjunções, adjuntos e orações subordinadas. Ademais,

a forma de enfoque só ocorre nas 1ª e 3ª pessoas do singular e do plural. Os indicadores de pessoa para os verbos intransitivos são os pronomes livres sem depender da classe do verbo. [...] Na forma de enfoque dos verbos transitivos também há o sufixo *-i*. Mas os prefixos indicam o objeto do verbo e são os mesmos das formas narrativas. (DOBSON, 1997, p. 110)

Finalmente, conforme Braga (2016, p. 35), os verbos marcados pela forma de enfoque<sup>17</sup> podem ligar-se a prefixos pessoais das Séries Ativa e Não Ativa, como nos exemplos de (42) a (44):

- (42) aʔere    i-wewe-ì            tee            je    wi  
 CONJ    3-voar-FOC    apenas    1    de  
 ‘mas, ele voou (a partir) de mim’ (DOBSON, 2005, p. 64)

<sup>17</sup> A forma de enfoque aparece ora acentuada (-ì), ora sem acento (-i). Optou-se aqui por manter a grafia utilizada nos exemplos originais.

- (43) [aman] ipe je [mamaʔe] tim-i  
 chuva em 1 coisas plantar-FOC  
 ‘no tempo da chuva, eu planto as coisas’ (BRAGA, 2016, p. 35; DOBSON, 1997, p. 112)
- (44) [ʔna] w-aẽm-i  
 3HF 3-chegar-FOC  
 ‘ele chegou’ (BRAGA, 2016, p. 35; DOBSON, 1997, p. 110)

### 3) Forma verbal narrativa – Gerúndio (Indicativo III<sup>18</sup>)

Sendo a mais empregada na língua, em contextos de exposição de fatos, eventos ou de uma história, a forma verbal narrativa, também chamada de dependente, é utilizada em sentenças complexas, após um verbo na forma declarativa (independente) (GOMES, 2007, p. 40). Dobson (2005, p. 30) pontua que a forma narrativa dos verbos intransitivos é composta por um pronome subjetivo preso, o radical verbal e a terminação narrativa *-a*, a qual possui alomorfes fonologicamente condicionados (cf. DOBSON, 1997, p. 85). Os *pronomes subjetivos* e *prefixos subjetivos*, conforme nomenclatura de Dobson (2005, p. 32 e 34), são utilizados com elementos das Classes 1 e 2, e foram tratados nesta dissertação como prefixos correferenciais (cf. RODRIGUES e CABRAL, 2002). Eles estão sistematizados no quadro 8:

#### (VIII)

Pessoa	Série A	Série B
1	te-	tej-
2	e-	ej-
3	o-	w-
1pi	jare-	jarej-
1pe	oro-	oroj-
2pl	peje-	pejej-

**Quadro 8 – Prefixos subjetivos**

<sup>18</sup> Nomenclatura adotada por Braga (2016).

Ainda conforme Dobson (1997), embora verbos intransitivos e transitivos recebam os mesmos sufixos, os intransitivos unem-se a prefixos da pessoa do sujeito, enquanto os transitivos requerem a adjunção de desinência indicadora de objeto não especificado *i-* para as Classes 1 e 2A. Essa desinência também é obrigatória na forma narrativa “se não houver um substantivo ou pronome como objeto” (DOBSON, 1997, p. 87).

**(IX)**

Verbo	Com i-	Com substantivo	
-tym <i>plantar</i>	itima	awasi tima	plantar milho
-juka <i>matar</i>	ijukaù	tapi?ira jukaù	matar anta
-apo <i>fazer</i>	iapoù	irupema apoù	fazer peneira
-piwut <i>remar</i>	ipiwua	ïara piwua	remar a canoa
-upit <i>cozinhar</i>	iupia	tajauro?oa upia	cozinhar carne de porco
-nupã <i>bater em</i>	inupãù	kasurua nupãù	bater no cachorro
-mono <i>mandar</i>	imonou	ka?arana monou	mandar carta

**Quadro 9 – Forma narrativa do verbo**

**Fonte: DOBSON, 1997, p. 87**

Finalmente, tem-se, para os verbos que a autora chama de estativos, a terminação *-ramũ*, a qual também possui alomorfes fonologicamente condicionados (cf. DOBSON, 2005, p. 32), conforme os exemplos (45) e (46):

(45) oro?iramũ  
‘frio’ (DOBSON, 2005, p. 32)

(46) w-ipiwig-e?em-amũ  
3-afundar-NEG-TN  
‘(ele) não afundou’ (DOBSON, 2005, p. 34)

**3.5.1 Hierarquia referencial**

Na seção *Notas sobre a Gramática Kayabí*, Gomes (2007, p. 33) apresenta uma síntese dos elementos pronominais da língua, destacando que a identificação de argumentos verbais por meio de afixos pessoais é um tipo de sistema comum à maioria das línguas Tupí. No entanto,

segundo o autor, não se teria informação sobre outra língua da família Tupí-Guaraní, além do Kayabí, em que a diferenciação entre verbos transitivos e intransitivos seja feita através de afixos pronominais (GOMES, 2007, p. 35). Ademais, a seleção dos prefixos pronominais respeitaria uma hierarquia referencial de pessoa, do tipo 1>2>3 para verbos transitivos (GOMES, 2007, p. 37). Assim, em suas palavras,

a diferença do Kayabi para as outras línguas, reside nos seguintes fatos: (i) diferentes formas de prefixos de 1ª plural inclusiva para expressar o sujeito transitivo e o sujeito intransitivo; e (ii) manifestação da hierarquia referencial para a expressão da relação 1>2. (GOMES, 2007, p. 39)

Sobre essa hierarquia, o autor esclarece que, em sendo o sujeito de primeira ou segunda pessoa e o objeto, de terceira, apenas o sujeito é marcado no verbo. Em contrapartida, só são expressos na morfologia verbal objetos de primeira ou segunda pessoa quando o sujeito é de terceira pessoa. Já quando ambos sujeito e objeto são de terceira pessoa, o verbo recebe afixo marcando sujeito (GOMES, 2007, p. 47).

### 3.6 OUTRAS ANÁLISES

Em seus estudos sobre o Kayabí, Braga (2016), Gomes (2007) e Faria (2004) focalizam o redobro de clíticos pronominais, principalmente os pronomes de terceira pessoa. Gomes (2007) argumenta que os pronomes, chamados por ele de clíticos, não se caracterizam como marcas de concordância, mas como argumentos sintáticos. Isso porque, nas formas declarativas, “o verbo já exhibe marcas de concordância, através dos prefixos da Série Ativa [...]. Seria, então, pouco provável que houvesse dois índices de concordância de sujeito na mesma oração” (GOMES, 2007, p. 189). O autor acrescenta que se a “análise de índices de concordância fosse adotada, nas construções com redobro ter-se-ia três manifestações distintas de sujeito”, como no exemplo (47):

(47) Kũjãmera wã kawia w-apo  
mulherada elas chicha 3-fazer  
'a mulherada fez chicha'

Gomes (2007, p. 189) prossegue argumentando que “nas construções narrativas e de enfoque, a única expressão possível do sujeito transitivo é através do elemento pronominal”. Segundo ele, se fosse admitido ser o pronome um índice de concordância, seria necessário reconhecer um sujeito sempre nulo nessas construções, como em (48):

- (48) miara je i-juka-ú OSV  
 onça eu 3-matar-NAR  
 ‘eu matei a onça’

Outro entrave à análise dos pronomes como índice de concordância seria que estes, por refletirem “uma relação estrutural entre um DP e um núcleo funcional” (GOMES, 2007, p. 190), seriam obrigatórios, e não poderiam ser omitidos – o que, no entanto, acontece em Kayabí, como em (49). Por isso, conforme Gomes (2007, p. 190), “seria mais plausível tratá-los como argumentos que podem ser fonologicamente expressos ou podem ser nulos”.

- (49) [Chico ʔŋa] a-esak  
 Chico ele 1sg-ver  
 ‘eu vi o Chico’

Finalmente, nas palavras de Gomes (2007, p. 190),

Os clíticos com o estatuto de concordância são clíticos verbais. Devido a essa sua natureza, eles sempre ocorrem adjacentes ao verbo. [...] Em Kaiabí, todavia, essa relação entre o clítico e o verbo não se verifica.

Ainda segundo o autor, os clíticos “podem ocorrer adjacentes ou separados do verbo, como confere a ordem XPsOV” (GOMES, 2007, p. 191), nos exemplos (50) e (51).

- (50) aʔeramu je [kaʔia ʔŋa] juka-ú XPsOV  
 então eu macaco ele matar-NAR  
 ‘então, eu matei o macaco’

- (51) kwai ʔŋa ipira menurig-i XPsOV  
 muitos ele peixe pegar-ENF  
 ‘ele pegou muitos peixes’

Dentro da perspectiva teórica aqui adotada, os principais pontos levantados por Gomes (2007) são admitidos, mas apenas no que diz respeito à ocorrência de pronomes no modo Indicativo I. Isso porque, como mostrado anteriormente, é necessário distinguir o uso obrigatório de pronomes: (1) nos modos Indicativo II, Gerúndio, Subjuntivo, ou mesmo no Indicativo I; (2) quando o objeto é de primeira pessoa o e sujeito de segunda; ou (3) quando o objeto é primeira ou segunda pessoa e o sujeito, de terceira pessoa.

Por um lado, há que se considerar que, como o verbo não se flexiona para terceira pessoa, justifica-se que o uso de pronomes seja, nesse caso, um tipo de concordância. Por outro lado, esses pronomes não marcam só pessoa, mas contribuem com marcação de gênero e número. A frequência com que ocorrem fortalece a ideia de que fazem parte de um sistema de concordância de gênero e número em desenvolvimento, embora se opte por tratá-los como um sistema de redobro de pronomes, que marcam também o gênero e número dos referentes de S ou de O.

É interessante notar que, em perguntas, os pronomes parecem nunca ocorrer como redobro:

- (52) mã te ere futat?  
‘o qual você quer?’ (WEISS, 1998, p. 128)
- (53) mãwi te ere jot?  
‘de onde você vem?’ (WEISS, 1998, p. 157)
- (54) maʔape te ere moŋi raʔe?  
‘onde deixou as coisas?’ (WEISS, 1998, p. 159)
- (55) ere o te?  
‘você vai?’ (WEISS, 1998, p. 198)
- (56) ere oajewe raʔe?  
‘você foi mesmo hoje?’ (WEISS, 1998, p. 104)

O exemplo (57) é um dos raros dados por Weiss (1998) em que um pronome aparece como redobro – no caso, redobro de sujeito:

- (57) nijeʔeŋa nu sipo ajewe ʔŋa!  
‘será que não vai obedecer!’ (WEISS, 1998, p. 134)

## 4 A QUESTÃO DO GÊNERO GRAMATICAL

A problemática de gênero em línguas naturais foi e tem sido amplamente discutida na literatura linguística, com estudos que contemplam as diversas manifestações desse traço em um amplo espectro de línguas. Na seção 4.1 *Nas línguas do mundo*, formar-se-á o arcabouço teórico concernente à manifestação do gênero gramatical, a partir dos trabalhos de Aikhenvald (2016), Corbett (2014), Hockett (1958), Jespersen (1949) e Payne (1997). Na sequência, em 4.1.1 *Critérios para identificação de gênero*, serão apresentados parâmetros norteadores para o reconhecimento desse traço quando da análise gramatical. Em 4.2 *No Kayabí*, as atenções se voltam para essa língua indígena, a qual inova em relações a outras línguas de sua família, como se verá em 4.2.1 *Gênero em pronomes* e 4.2.2 *Gênero em nomes*.

### 4.1 NAS LÍNGUAS DO MUNDO

Embora a origem dos sistemas de gênero não seja um fenômeno bem compreendido, o termo *gênero*, segundo Aikhenvald (2016, p. 13), teria sido primeiramente empregado pelo filósofo Protágoras, no século 5 a. C, ao dividir os nomes do grego antigo em três classes: *feminino*, *masculino* e *inanimado* – esta conhecida hoje como *neutro*. Encontrado em muitas línguas, esse sistema foi adotado pela gramática tradicional para classificar línguas indoeuropeias e semíticas.

No entanto, ao estudarem línguas africanas, pesquisadores europeus se depararam com sistemas semelhantes ao de gênero, mas contendo oito ou mais divisões – e com distinções não baseadas apenas em masculino e feminino. Tomou-se conhecimento de línguas que distinguem, por exemplo, classes de gênero como *racional*, a qual incluiria humanos, deuses e demônios, e *não racional*, englobando todos os animados e inanimados não pertencentes à *classe racional*; em outras, constatou-se a existência de classes como *masculino*, *feminino*, *vegetais comestíveis* e *todo o resto* (ou *neutro*). Em virtude dessa diversidade, “o termo classe nominal passou a ser usado para sistemas mais amplos desse tipo”<sup>19</sup> (AIKHENVALD, 2016, p. 13, tradução nossa).

Em seu livro *How gender shapes the world*, Aikhenvald (2016) discute as diferentes acepções que o termo pode ter, dependendo da perspectiva adotada – linguística, natural ou social. De acordo com a autora, gênero social diz respeito às normas e implicações sociais do

---

<sup>19</sup> Original: “The term ‘noun class’ came to be used for larger systems of this kind.”

ser homem ou mulher, relativamente aos papéis que cada sexo desempenha em uma dada sociedade. O gênero natural, por sua vez, está relacionado ao que comumente se chama *sexo*, macho e fêmea, com suas particularidades anatômicas, hormonais, fisiológicas e psicológicas; nesse contexto, o termo é frequentemente utilizado como um substituto mais ameno para *sexo*. Finalmente, tem-se que o gênero linguístico, objeto do presente estudo, seria “uma maneira linguística de categorizar nomes refletida em sua forma, a forma de um adjetivo ou de um verbo que concorda com o nome, ou um pronome pessoal”<sup>20</sup> (AIKHENVALD, 2016, p. 1, tradução nossa).

Corbett (2014) destaca que os estudos sobre gênero revelam o quão diferentes as línguas podem ser, e por isso despertam grande interesse. Enquanto em muitas esse traço é importante e está presente em grande parte dos enunciados, como no caso das oriundas do Indo-Europeu, em outras, ele simplesmente está ausente. De acordo com esse autor, há uma considerável variedade de sistemas de gênero possíveis, podendo o sexo ser um componente relevante para a classificação, como em línguas com masculino e feminino, ou não, a exemplo daquelas em que a distinção é feita entre animado e inanimado. Conforme Jespersen (1949), gênero “não pode ser definido como a expressão gramatical do sexo, mas pode estar relacionado a outras coisas”<sup>21</sup> (p. 174, tradução nossa).

Sobre o tema, Payne (1997) afirma que “uma classe nominal, gênero ou sistema de gênero gramatical é a classificação gramatical de nomes, pronomes e outros dispositivos referenciais”<sup>22</sup> (p. 107, tradução nossa), a qual pode estar ligada a alguma forma de agrupamento extralinguístico, como humano/não humano ou macho/fêmea<sup>23</sup>, embora a classificação gramatical seja independente de qualquer classificação natural. O autor esclarece que, em termos de distinção entre gênero e sistemas de classe nominal, se há alguma diferença entre eles, ela reside no fato de que os sistemas de classe nominal geralmente envolvem a presença de classificadores, os quais são definidos como operadores especiais usados em alguns ou todos os sintagmas nominais para expressar diretamente a classe e o nome. Já os sistemas de gênero puros, geralmente, não demandam classificadores – em vez disso, a distinção gramatical seria feita pela concordância<sup>24</sup>.

---

<sup>20</sup> Original: “[...] a linguistic way of categorizing nouns reflected in their form, the form of an adjective or a verb which would agree with the noun, or a personal pronoun.”

<sup>21</sup> Original: “(Gender thus) cannot be defined as the grammatical expression of sex, but may relate to other things.”

<sup>22</sup> Original: “A noun class, gender, or grammatical gender system is the grammatical classification of nouns, pronouns, and other referential devices.”

<sup>23</sup> Original: “female vs. male” (PAYNE, 1997, p.107)

<sup>24</sup> Cf. Payne (1997, p.107)

Para Aikhenvald (2016), o gênero linguístico sempre possui alguma base semântica, embora a classificação não se restrinja a macho e fêmea, e também sirva à categorização de entidades inanimadas – de onde a inclusão de outros elementos não relacionados a sexo sob o rótulo masculino e feminino. Segundo a autora,

[...] não importa o quão complicado o sistema de atribuição de Gênero Linguístico como um todo possa ser, seu núcleo semântico sempre inclui referência aos parâmetros universais de sexo, humanidade, e animacidade. Não humanos e inanimados podem ser atribuídos a classes de gênero com base em outros traços – inclusive tamanho e forma. (AIKHENVALD, 2016, p. 18, tradução nossa)<sup>25</sup>

Não obstante, a autora admite uma certa quantidade de palavras cuja escolha de gênero permanece semanticamente inexplicável na maioria das línguas, e esclarece que “traços morfológicos e fonológicos podem ajudar a determinar o Gênero Linguístico, mas nunca são os únicos princípios para sua escolha”<sup>26</sup> (AIKHENVALD, 2016, p. 23, tradução nossa). Há que se mencionar, ainda, o termo *neutro*, que “tende a se referir a um gênero que inclui seres inanimados (ou irracionais), ou um gênero residual cuja base semântica é difícil de capturar”<sup>27</sup> (AIKHENVALD, 2016, p. 5, tradução nossa).

Conquanto mais da metade das línguas do mundo possua gênero, há ainda muitos equívocos e mitos relativos a uma suposta raridade desse traço. Aikhenvald (2016, p. 11) nega essa “raridade”, afirmando que a categoria seria uma das mais difundidas no mundo – estando largamente presente na África, Europa, Américas do Norte e do Sul e Nova Guiné. Além disso, as chamadas línguas sem gênero possuiriam outras maneiras de expressar esses significados, como o uso de palavras distintas para machos e fêmeas ou diferentes afixos para distinguir sexos<sup>28</sup>.

Aliás, nesse sentido, Aikhenvald (2016) defende que o gênero linguístico, um dos primeiros traços dominados pela criança quando adquire sua primeira língua, seria fundamental para o estabelecimento dos papéis e significados de *gênero*, nas três perspectivas apresentadas (natural, social e linguística), pois, enquanto forma de categorizar entidades através da língua, “modela o mundo em que vivemos e as maneiras como o percebemos e construímos”<sup>29</sup>, com

<sup>25</sup> Original: “Linguistic Gender always has some semantic basis, although not everything can be explained in semantic terms. No matter how complicated the overall system of Linguistic Gender assignment may be, its semantic core will always include reference to the universal parameters of sex, humanness, and animacy. Non-humans and inanimates can be assigned to gender classes based on further features—including size and shape.”

<sup>26</sup> Original: “Morphological and phonological features may help determine the Linguistic Gender, but are never the only principles for its choice.”

<sup>27</sup> Original: “[...] tends to refer to a gender which includes inanimate (or irrational) beings, or a residue gender whose semantic basis is difficult to capture.”

<sup>28</sup> Cf. Aikhenvald (2016, p.7)

<sup>29</sup> Original: “[...] shapes the world we live in and the ways we perceive and construct it.”

algumas categorias linguísticas possuindo “fortes correlações com valores culturais, hierarquias sociais e suas conceituações”<sup>30</sup> (AIKHENVALD, 2016, p. 4, tradução nossa). Para a autora,

[...] Gênero Linguístico tende a refletir estereótipos sociais e culturais e padrões de percepção humana. Gênero linguístico é um repositório de crenças sobre como homens e mulheres são e como se comportam, e traços que são caracteristicamente ‘masculinos’ ou ‘femininos’. [...] As maneiras como as pessoas utilizam o Gênero Linguístico podem refletir o status dos Gêneros Sociais. Por exemplo, em Jarawara, uma pequena língua Arawá do sul da Amazônia, uma mulher particularmente respeitada pode ser referida com o gênero masculino, como se ela estivesse sendo ‘promovida’ ao status de gênero masculino. (AIKHENVALD, 2016, p. 4, tradução nossa)<sup>31</sup>

Quanto à função, Aikhenvald (2016) afirma que o gênero linguístico possui uma abundância de usos, servindo, por exemplo, para “ajudar a destacar diferentes significados do mesmo nome, localizar referentes no discurso”<sup>32</sup> (p. 7, tradução nossa), além de ser uma fonte de elaboração de metáforas. Ademais, segundo a autora, em várias línguas um mesmo nome pode ser associado a mais de um gênero linguístico, com mudança de significação – o que comprovaria sua utilidade como forma de classificação, contrariando a fama de “categoria arbitrária e redundante”.

#### 4.1.1 Critérios para identificação de gênero

Pensemos em uma língua hipotética em que todo verbo, adjetivo e adposição apresentasse clara concordância em gênero. Proporíamos um traço morfossintático gênero, com certeza. Se não o fizéssemos, seria difícil dar conta da sintaxe de maneira convincente. Por outro lado, se nossa língua hipotética apresentasse evidência de gênero apenas no pronome pessoal, pensaríamos melhor sobre propor um traço de gênero. Há muitas línguas reais que caem entre esses dois extremos. Com isto, podemos estar demasiadamente prontos a tratá-las como se fossem instâncias do primeiro tipo. Os traços morfossintáticos, incluindo gênero, frequentemente têm uma ‘penumbra’ onde a evidência não é direta, e requer uma análise cuidadosa. (CORBETT, 2014, p. 88, tradução nossa)<sup>33</sup>

<sup>30</sup> Original: “Some linguistic categories show strong correlations with cultural values, social hierarchies, and their conceptualization.”

<sup>31</sup> Original: “[...] Linguistic Gender tends to mirror social and cultural stereotypes and patterns of human perception. Linguistic Gender is a repository of beliefs about what men and women are like and how they behave, and features which are ‘male’-like or ‘female’-like. [...] The ways in which people use Linguistic Gender may mirror the status of Social Genders. For instance, in Jarawara, a small Arawá language from Southern Amazonia, a particularly respected woman can be referred to with masculine gender, as if she were being ‘promoted’ to the male gender status.”

<sup>32</sup> Original: “[...] (they) help highlight diferente meanings of the same noun, track referentes in discourse [...].”

<sup>33</sup> Original: “Let us think of a hypothetical language where every single verb, adjective and adposition showed clear agreement in gender. We would propose a morphosyntactic feature gender, with certainty. If we did not, it would be hard to give a convincing account of the syntax. On the other hand, if our hypothetical language showed evidence of gender only in the personal pronoun, we would think harder about proposing a gender feature. There are many real languages which fall between these two extremes. With these we may be too ready to treat them as

A categorização nominal é um mecanismo presente em todas as línguas, podendo se manifestar como gênero linguístico ou de outras formas, como classificadores numerais, classificadores nominais ou classificadores verbais. Aikhenvald (2016) esclarece que, uma vez que nomes genéricos se transformam em classificadores nominais, eles podem dar origem ao gênero linguístico:

Esse caminho começa com a gramaticalização de nomes em um sistema fechado de classificadores nominais. O próximo passo envolve a reinterpretação de classificadores nominais como afixos de um nome com o qual ocorrem, e como marcadores de concordância em modificadores que o acompanham. O desenvolvimento de concordância de gênero não precisa passar pelo estágio de gênero derivacional. (AIKHENVALD, 2016, p. 79, tradução nossa)<sup>34</sup>

Portanto, quando se faz necessário precisar o conceito de gênero gramatical e diferenciá-lo de outras categorias nominais, a asserção de Hockett (1958, p. 231), de que gênero são “classes de nomes refletidos no comportamento de palavras associadas”<sup>35</sup>, é amplamente adotada. Conforme Corbett (2014, p. 89), para que os nomes sejam comparados adequadamente nas diversas línguas, é importante haver um recurso de classificação externo ao próprio nome - a concordância. Segundo o autor,

Para que dois nomes estejam na mesma classe de concordância, eles devem fazer as mesmas concordâncias sob todas as condições – ou seja, se mantivermos outros traços como caso e número constantes [...]. Se dois nomes diferirem em concordância, quando fatores tais como caso e número forem mantidos constantes, então eles pertencem a duas classes de concordância diferentes e normalmente pertencerão a dois gêneros diferentes. (CORBETT, 2014, p. 90, tradução nossa)<sup>36</sup>

Em outras palavras, os nomes são divididos em diferentes tipos “de acordo com as diferentes concordâncias que controlam”<sup>37</sup> (CORBETT, 2014, p. 89, tradução nossa), sendo este o mecanismo que irá demonstrar a existência de um sistema de gênero, bem como os gêneros que o compõem. Ademais, Corbett reforça que “nenhuma quantidade de marcações em um nome pode provar que a língua possui um sistema de gênero; a evidência que os nomes

---

though they were instances of the first type. The morphosyntactic features, including gender, often have a ‘penumbra’ where the evidence is not straightforward, and needs careful analysis.”

<sup>34</sup> Original: “This pathway starts with grammaticalization of nouns into a closed system of noun classifiers. The next step involves reinterpreting noun classifiers as affixes to a noun they occur with, and as agreement markers on accompanying modifiers. The development of agreement gender does not have to pass through the stage of derivational gender.” Para uma descrição detalhada do processo, cf. Aikhenvald (2016, p. 80).

<sup>35</sup> Original: “Genders are classes of nouns reflected in the behavior of associated words.”

<sup>36</sup> Original: “For two nouns to be in the same agreement class, they must take the same agreements under all conditions – that is, if we hold constant other features such as case and number [...] If two nouns differ in their agreements when factors such as case and number are held constant, then they belong to two different agreement classes and normally they will belong to two different genders.”

<sup>37</sup> Original: “(we divide the inventory of nouns into different kinds) according to the different agreements they control.”

possuem traços de gênero em uma dada língua reside nos alvos de concordância que manifestam gênero”<sup>38</sup> (CORBETT, 2014, p. 90, tradução nossa). Assim, diferentemente do critério *sexo*, a concordância é classificada como componente indispensável para a identificação, já que “uma língua possui um sistema de gênero apenas se sintagmas nominais encabeçados por nomes de diferentes tipos controlam diferentes concordâncias” (CORBETT, 2014, p. 90).

Segundo Aikhenvald (2016, p. 14), as marcações de gênero podem se realizar de diversas maneiras: na concordância de modificadores e verbos, ou de pronomes, pessoais e de outros tipos. Por ser um traço de línguas com morfologia complexa e de perfil fusional ou aglutinador, pode-se manifestar através de afixos, apofonia, padrões tonais ou mudança de acento tônico. Além disso, “gênero e número podem ser combinados em um único afixo”<sup>39</sup> (AIKHENVALD, 2016, p. 16, tradução nossa), sendo mais frequente a distinção de gêneros anafóricos na terceira pessoa e no singular. No processo de gramaticalização, uma língua pode, por exemplo,

[...] ganhar um gênero anafórico ao criar um afixo de gênero a partir de um nome significando ‘pessoa’ ou ‘homem’. Isso pode então ser expandido em gênero derivacional, ou em concordância de gênero. Um pronome sensível a gênero pode se tornar um marcador de concordância de gênero. Classificadores nominais podem originar gêneros. Categorias nominais de número e caso são intrinsecamente propensas a refletir significados ligados com animacidade e humanidade. (AIKHENVALD, 2016, p. 94, tradução nossa) (aspas no original)<sup>40</sup>

Aikhenvald (2016) afirma que o “gênero anafórico tende a ser encontrado em línguas com concordância de gênero”<sup>41</sup> (p. 15, tradução nossa), mas que essa não seria uma tendência uniforme, como atesta o caso da língua maithili, presente no Nepal e no norte da Índia. Nela, há quatro formas honoríficas nos pronomes pessoais, mas nenhuma especificação de gênero, sendo masculino e feminino “expressos através de concordância em verbos e adjetivos definidos” (2016, p. 15, tradução nossa)<sup>42</sup>. Além desse, Aikhenvald (2016) menciona casos complexos, como o do swahíli, em que a concordância de nomes animados com modificadores pode basear-se em critérios semânticos em vez de obediência formal ao gênero; e do alemão,

<sup>38</sup> Original: “No amount of marking on a noun can prove that the language has a gender system; the evidence that nouns have gender values in a given language lies in the agreement targets which show gender.”

<sup>39</sup> Original: “Gender and number can be combined into a single affix.”

<sup>40</sup> Original: “(A language can) gain an anaphoric gender by making a gender affix out of a noun meaning ‘person’ or ‘man’. This can then be expanded into derivational gender, or into agreement gender. A gender-sensitive pronoun can become a marker of gender agreement. Noun classifiers can give rise to genders. Nominal categories of number and case are intrinsically prone to reflecting meanings to do with animacy and humanness.”

<sup>41</sup> Original: “Anaphoric gender tends to be found in languages with agreement gender [...]”

<sup>42</sup> Original: “Masculine and feminine genders are expressed through agreement on verbs and on definite adjectives.”

em que o pronome anafórico pode ser selecionado semanticamente, mesmo divergindo do gênero marcado nos artigos e adjetivos que se referem ao nome<sup>43</sup>.

Para além da gramaticalização, Aikhenvald (2016) também aponta que um ambiente de contato entre línguas é favorável à difusão de gênero linguístico, visto que as línguas tendem a se tornar mais similares em diversos sentidos em tal contexto:

Suponha que uma língua sem Gênero Linguístico entre em contato com outra língua com formas produtivas de masculino e feminino. Ela pode, então, tomar emprestadas palavras com gênero. Marcas de gênero podem ser reanalisadas como morfemas separados e estendidas a palavras nativas, ecoando a reinterpretação na história da Concordância de Gênero. (AIKHENVALD, 2016, p. 88, tradução nossa)<sup>44</sup>

## 4.2 O CASO DO KAYABÍ

É fato observado que pronomes de terceira pessoa não são característicos das línguas Tupí-Guaraní. Quando presentes nessa família, como nos sub-ramos I, III e IV, por exemplo, tais pronomes costumam ser resultado das profundas interferências do contato com o português e o espanhol, e cumprem a função dêitica de demonstrativo, podendo ser substituídos por outros dêiticos da mesma natureza (CABRAL, 2019, comunicação pessoal).

No Kayabí, assim como nas demais línguas do sub-ramo VI e nas do sub-ramo V, houve um processo de gramaticalização de dêiticos demonstrativos em pronomes de terceira pessoa, de sorte que, na atualidade, todas elas possuem três formas – uma para feminino singular, uma para masculino singular e uma para plural –, o que mostra se tratar de um desenvolvimento comum, muito provavelmente ocorrido quando o ancestral dessas línguas ainda não teria se diversificado em dois sub-ramos (CABRAL e SILVA, em preparação). Ademais, o caso do Kayabí é inovador, já que seu sistema pronominal de seis pessoas apresenta a distinção entre fala feminina e fala masculina, com a manifestação de dois alomorfes biologicamente referenciados na terceira pessoa (SOUZA, 2004).

<sup>43</sup> Cf. Aikhenvald (2016, p. 15)

<sup>44</sup> Original: “Suppose a language without Linguistic Gender comes in contact with another language with productive masculine and feminine forms. It may then borrow gendered words. Gender markers may get reanalysed as separate morphemes and extended to native words, echoing the reinterpretation in the history of Agreement Gender.”

#### 4.2.1 Gênero em pronomes

O sistema pronominal do Kayabí foi analisado como contendo seis pessoas, conforme apresentado no quadro 3<sup>45</sup>. Gomes (2007, p. 46) identificou duas classes de pronomes em kayabí, uma das quais parece “ter estatuto de clíticos”, entendimento também compartilhado por Braga (2016, p. 123), que os chama de *pronomes clíticos independentes*:

Os pronomes do kayabí se apresentam na forma de *clíticos* (CL) que podem ser tanto *formas dependentes* (na forma de *afixos proclíticos* no verbo) ou formativos *independentes*, como no português, porém com peculiaridades inerentes de uma língua indígena. O kayabí apresenta também outras formas pronominais diferentes dos afixos de concordância [...]. Estas formas pronominais podem estar como *afixos* ou *livres* enquanto formas pronominais. Esses pronomes clíticos aparecem, sobretudo, nas séries de verbos *não ativos*, conforme descrito por Gomes (2007), figurando como prefixos que, ao que tudo indica, aparecem como *formas proclíticas* em verbos intransitivos que não denotam ação (série *não ativa*). Esses proclíticos aparecem em construções de *verbos intransitivos estativos* [...] (BRAGA, 2016, p. 26) (grifos no original)

Na lista de integrantes das classes 4A e 4B, Weiss (1998, p. 81) insere os prefixos *i-* e *t-/Ø-*, respectivamente, e analisa os aqui chamados pronomes dependentes como prefixos de terceira pessoa<sup>46</sup>. Tal como essa autora, Gomes (2007, p. 35) e Braga (2016, p. 106) também os classificam como terceira pessoa da Série Não Ativa, embora excluam dessa série os chamados pronomes independentes (que marcam gênero). Sinteticamente, os paradigmas que se formam a partir dessas análises são os seguintes:

---

<sup>45</sup> Cf. Capítulo 3, p. 24.

<sup>46</sup> Cf. Quadro 1, Cap.3, p.21.

(X)

WEISS (1998)			GOMES (2007)		BRAGA (2016)	
	Classe 4A	Classe 4B	Série Não Ativa com verbos intransitivos		Prefixos pessoais (para a série não ativa) de verbos intransitivos	
<b>1s</b>	je (-)	jer-	<b>1s</b>	je-	<b>1s</b>	je-
<b>2s</b>	ene (-)	ener-	<b>2s</b>	ne-	<b>2s</b>	(e)ne-
<b>3mfh</b>	ʔŋa (-)	ʔŋar-	<b>3s</b>	i-	<b>3s</b>	i-
<b>3mfm</b>	kĩa (-)	kĩar-				
<b>3ffh</b>	ẽẽ (-)	ẽẽr-				
<b>3ffm</b>	kĩna (-)	kĩnar-				
<b>1pi</b>	jane (-)	janer-	<b>1pi</b>	jane-	<b>1pi</b>	jane-
<b>1pe</b>	ore (-)	orer-	<b>2pe</b>	ore-	<b>1pe</b>	ore-
<b>2pl</b>	pẽ (-)	pẽn-	<b>2pl</b>	pe-	<b>2pl</b>	pe-
<b>3plfh</b>	ʔŋã (-)	ʔŋãn-	<b>3pl</b>	i-	<b>3pl</b>	-
<b>3plfm</b>	wã (-)	wãn-				
<b>3</b>	i-	t-/#-/∅-				

Quadro 10 – Pronomes dependentes

Esses pesquisadores consideram, portanto, *i-* e *t-* como marcas de terceira pessoa. Gomes (2007) reconhece os relacionais *r-* e  $\emptyset$ -, embora classifique o relacional *i-* como prefixo de terceira pessoa, e não marque o alomorfe zero no tema verbal<sup>47</sup>:

Se, todavia, o objeto for deslocado, talvez para a posição de tópico ou foco, obtém-se o seguinte padrão: o verbo com relacional  $\emptyset$  se manifesta com o prefixo de 3ª pessoa *-i*, da Série não-ativa. Já o verbo com relacional *r*, fica sem marca:

(59) *miara kasurua esak-a* OSV  
 onça cachorro viu-NAR  
 ‘A onça, o cachorro viu’

(60) *miara kasurua i-mujãn-a* OSV  
 onça cachorro 3-correr-NAR  
 ‘A onça, o cachorro correu’ (GOMES, 2007, p. 50)

<sup>47</sup> Foi mantida a numeração original dos exemplos.

Faz-se necessária aqui uma correção. No exemplo (60), a tradução correta é ‘a onça fez o cachorro correr’, visto que *mujã* é o verbo ‘fazer correr’, resultado da combinação do causativo *mu-* com o verbo intransitivo *-jan* ‘correr’, de modo que o *i-* marca a relação de dependência do tema transitivo *-mujã* ao seu determinante ‘cachorro’, que não se encontra na estrutura argumental do verbo ‘fazer correr’. Há ainda o fato de que, segundo a análise de Gomes (2007), alguns verbos teriam uma estrutura morfológica totalmente distinta da de outros verbos. Veja-se em:

(58) kasurua **esak-a** (sem marca, na terminologia de Gomes)  
cachorro viu-NAR

(59) kasurua **i-mujã-a** (com marca, na terminologia de Gomes)  
cachorro 3-correr-NAR

Se essas marcas fossem de terceira pessoa, qual a motivação para o surgimento de novas formas na história da língua? Adota-se no presente estudo a ideia de que o Kayabí não possuía pronomes de terceira pessoa. Os linguistas que o estudaram colocaram, no mesmo paradigma, pronomes e prefixos, como parte de um conjunto pessoal. Ora, sendo pronome um elemento sintático, e prefixo, uma unidade morfológica, fica evidente que o que foi considerado como marca de terceira pessoa (prefixo) não poderia estar no mesmo paradigma de pronomes. Daí, depreende-se que, em um momento anterior da língua, tenha havido uma lacuna no sistema pronominal, relativa à terceira pessoa. Essa lacuna, mostrada no quadro 11, tem sido observada em várias línguas da família Tupí-Guaraní, com exceção das línguas dos sub-ramos VI e V (RODRIGUES e CABRAL, 2002).

(XI)

	<b>Pronomes Independentes</b>		<b>Pronomes Dependentes</b>
<b>1</b>	je	<b>1</b>	je
<b>2</b>	ene	<b>2</b>	ene
<b>1incl</b>	jane	<b>1incl</b>	jane
<b>1excl</b>	ore	<b>1excl</b>	ore/are
<b>1pl (a gente)</b>	ae	<b>1pl (a gente)</b>	ae
<b>2pl</b>	pêe	<b>2pl</b>	pê
<b>3</b>	--	<b>3</b>	--

**Quadro 11 – Sistema pronominal do Kayabí sem formas de terceira pessoa**

No quadro 12, mostra-se o sistema pronominal do Kayabí na atualidade, com a lacuna preenchida. A maior inovação foi o desenvolvimento de três formas de terceira pessoa distinguindo referentes masculinos de femininos, e estes, de referente plural. Outra inovação que é exclusiva do Kayabí diz respeito ao desenvolvimento de alomorfes dessas três formas para distinguir o sexo do falante. Assim, a terceira pessoa feminina possui dois alomorfes, um correspondente à fala masculina e outro, à feminina, o mesmo ocorrendo com a terceira pessoa masculina e a terceira pessoa plural.

## (XII)

	Pronomes Independentes			Pronomes Dependentes	
<b>1</b>	je		<b>1</b>	je	
<b>2</b>	ene		<b>2</b>	ene	
<b>1incl</b>	jane		<b>1incl</b>	jane	
<b>1excl</b>	ore		<b>1excl</b>	ore/are	
<b>1pl (a gente)</b>	ae		<b>1pl (a gente)</b>	ae	
<b>2pl</b>	pêe		<b>2pl</b>	pê	
	FM	FH		FM	FH
<b>3f</b>	kina	ẽẽ	<b>3f</b>	kina	ẽẽ
<b>3m</b>	kĩã	ʔŋa	<b>3m</b>	kĩã	ʔŋa
<b>3pl</b>	wã	ʔŋã	<b>3pl</b>	wã	ʔŋã

**Quadro 12 – Sistema pronominal do Kayabí na atualidade**

É importante sublinhar que a diferença entre as séries 1 e 2 de pronomes Kayabí reside na segunda pessoa do plural – na série independente, tem-se a forma *pêe*, e na série dependente, *pê* –, sendo essa distinção formal suficiente para que se estabeleçam duas séries pronominais. Um dos argumentos para essa divisão é o fato de que a forma *pê* não ocorre como expressão de sujeito sintático em posição pré ou pós verbal, fora da estrutura argumental do verbo. Nessas funções, ocorre apenas a forma *pêe*.

Por outro lado, *pê* ocorre apenas na estrutura argumental: a) dos nomes na função de possuidor; b) dos sintagmas posposicionais, na função de complemento do núcleo da posposição; e c) dos verbos, na função de sujeito intransitivo e de objeto, se transitivo. Essa

forma é, portanto, dependente sintaticamente, com posição definida dentro da estrutura argumental, cujo núcleo é um tema dependente, nada podendo intervir entre ele e o elemento por ele determinado.

Se as formas pronominais correspondentes às demais pessoas também fazem essa distinção, embora tenham a mesma forma, há que se distinguir dois paradigmas pronominais, um dependente, outro independente, visto tratar-se de um padrão sintático em que a estrutura argumental não poderia diferenciar a segunda pessoa das demais. É importante notar que, nas línguas mais conservadoras, como o Tupinambá e o Guaraní Antigo, a diferença entre os dois paradigmas se dava na primeira pessoa do singular e na segunda pessoa do plural. O Tupinambá, por exemplo, distinguia *ixé*, primeira pessoa independente, de *xé*, primeira pessoa dependente, assim como *pé*, segunda pessoa do plural dependente, de *peʔẽ*, segunda pessoa do plural independente. Nessa língua, a segunda pessoa do singular ocorria na forma independente como *ené/endé*, mas, na forma dependente, era mais frequente a forma *né /ndé* (RODRIGUES, 1981).

A diferença encontrada entre o paradigma pessoal de pronomes independentes e o paradigma de pronomes dependentes no Tupinambá existe também na língua Zo'é (CABRAL, comunicação pessoal). Nessa língua, *iji* é a primeira pessoa independente, sendo *e* a primeira pessoa dependente; *enẽ* é a segunda pessoa independente, e *nẽ* ou *de* é a segunda pessoa dependente); por fim, *pehe* é a segunda pessoa plural independente, e *pe* é a segunda pessoa plural dependente.

No Kayabí, consoante Cabral (comunicação pessoal), houve a mudança de *h* para  $\emptyset$  (*ihé* > *ie* > *je*), com a subsequente neutralização da diferença entre a primeira pessoa independente e a primeira pessoa dependente. Ademais, teria havido, nessa língua, em algum momento da história, a opção por marcar tanto a primeira pessoa independente quanto a dependente por *je*, em lugar da manutenção dos resultados da mudança fonológica que afetou o fonema *h*, mudando-o para  $\emptyset$ . Se essa opção não tivesse sido feita, o Kayabí teria, como o Zo'é, a forma *e* para a primeira pessoa dependente.

#### 4.2.2 Gênero em nomes

Nomes com referentes humanos têm seu gênero marcado por pronomes de terceira pessoa masculino, feminino ou plural, cujas formas se distinguem segundo o sexo do falante, como nos exemplos de (60) a (70).

*Fala de mulher*

- (60)  Maru **kĩã** Ø-maʔe  
 nome **3MFM** R<sup>2</sup>-coisa  
 ‘posse de Maru’
- (61) Katerina **kina** Ø-maʔe  
 Catarina 3FFM R<sup>2</sup>-coisa  
 ‘posse de Catarina’
- (62) kunumi **kĩã**  
 menino **3MFM**  
 ‘menino’
- (63) Simão **kĩã** Ø-ko-a  
 Simão **3MFM** R<sup>2</sup>-roça-arg  
 ‘a roça de Simão’
- (64) ajepeja **kĩã**  
 outro **3MFM**  
 ‘outro (homem)’
- (65) Erika **kina**  
 Erika 3MFM  
 ‘Erika’
- (66) Apiaka **wã,** o-maʔe  
 Apiacá 3PLFM, 3CORR-coisa  
 ‘Apiaká, posse deles’

*Fala de homem*

- (67) tapiʔĩ **ʔɲa**  
 homem.branco 3mfh  
 ‘homem branco’
- (68) kiʔjuw-a **kĩã**  
 homem.velho 3MFH  
 ‘o velho’
- (69) jemipe-war-a **ʔɲã**  
 baixo.río-PREPON-ARG 3PLFH  
 ‘os que moram rio abaixo’

- (70) Apiaka ʔir-a wã  
 Apiacá filho.de.homem 3PLFM  
 ‘os filhos de Apiacá’

Em nomes com referentes animais, a marca de gênero ocorre com menos frequência, após as expressões nominais, e contribui com o significado de ‘macho/fêmea’:

- (71) kaʔi ʔŋa  
 macaco 3MFH  
 ‘macaco macho’

- (72) i-ʔakwaa te kaʔi ʔŋa  
 R<sup>2</sup>-esperto FOC macaco 3MFH  
 ‘o macaco é esperto’ (WEISS, 1998, p. 105)

Dobson (1973, p. 13) oferece o exemplo *kaʔi ʔŋa* ‘macaco macho’, e Souza (2004, p. 42) também apresenta essa marca de gênero (epiceno) em nomes do Kayabí. É interessante notar que em outras línguas Tupí-Guaraní, em que pronomes de terceira pessoa se desenvolveram, são as palavras ‘macho’ e ‘fêmea’ que marcam o gênero dos nomes de animais, como *tajahú kujã* ‘porcão fêmea’, em Zo’é (CABRAL, 2019, comunicação pessoal). A extensão do uso de pronomes de terceira pessoa para nomes de referentes animados em geral deve ter promovido o desuso dos nomes para ‘macho’ e ‘fêmea’ no Kayabí. Note-se que Weiss (1998, p. 149) fornece um único exemplo com o nome para macho modificando um nominal:

- (73) jaʔwa kūimaʔe ʔŋa a-juka  
 onça macho 3MFH 3-matar  
 ‘ele matou onça macho’ (WEISS, 1998, p. 149)

As línguas Tupí-Guaraní conservadoras marcam nos verbos o sujeito, desde que o objeto seja uma terceira pessoa. Quando o objeto é de segunda pessoa e o sujeito uma primeira pessoa, a concordância é com o objeto. Os marcadores de pessoa são prefixos flexionais e funcionam, dessa forma, em um sistema de concordância verbal com Sa ou com O, no caso de verbos transitivos, e com So no caso de verbos intransitivos.

Estudiosos têm analisado uma das séries de pronomes das três séries pronominais encontradas em línguas conservadoras (Tupinambá, Guaraní Antigo, Asuriní do Tocantins, Parakanã, Tapirapé, Asuriní do Xingu, Parintintin, Tenharim, Amondáwa, Uru-Eu-Au-Au, Apiaká, Piripikúra, Karipúna e Kamaiurá, por exemplo), como a série independente, por seus

elementos funcionarem como sentenças fragmento, e por serem usados em orações, principalmente por ênfase, podendo ser omitidos. Esta série de pronomes independentes é acentuada e flexionada por caso morfológico (dativo pronominal), pelo menos. A segmentação dos exemplos seguintes é de nossa autoria.

- (74) je      Ø-jeʔeŋ-iwɪrafẽ      je      ene-we      jepi  
 1      R<sup>1</sup>-falar-duro      1      2-DP      sempre  
 ‘eu sempre falo duro com você’ (WEISS, 1998, p. 134)

- (75) ʔmiara o-peaa      je-we  
 animal 3-atravesar      1-DP  
 ‘a onça atravessou o meu caminho (atravesou na minha frente)’ (WEISS, 1998, p. 179)

Por outro lado, os pronomes de terceira pessoa são usados em alguns modos com certa obrigatoriedade – como no Indicativo, mas não em outros modos. Em Kayabí, os pronomes pessoais usados marcam sintaticamente o sujeito de verbos intransitivos e transitivos, assim como o objeto, desde que humanos.

- (76) w-owei      ʔŋa      ẽẽ  
 3-tratar      3MFH      3FFH  
 ‘ele trata dela’ (WEISS, 1998, 177)

- (77) w-owaja      ʔŋa      ʔŋã  
 3-confrontar      3MFH      3PLFH  
 ‘ele confronta eles’ (WEISS, 1998, 177)

A ocorrência de pronomes não se restringe a pronomes de terceira pessoa. Trata-se de um padrão geral que envolve todas as pessoas pronominais, como mostram os próximos exemplos:

- (78) a-nupã      je      ene  
 1-bater      1      2  
 ‘eu bato em você’ (WEISS, 1998, p. 121)

- (79) muapi te      ore      Ø-ser-i  
 três      FOC      1PL.EXCL      R<sup>1</sup>-dormir-IND.II  
 ‘vamos dormir três noites (ficar três dias)’ (WEISS, 1998, p. 169)

- (80)  $\text{\textit{ipitun-a}} \quad \text{\textit{muku}} \quad \text{\textit{ʔ\eta a}} \quad \text{\textit{\emptyset-ser-i}}$   
 noite-ARG comprido 3MFH R<sup>1</sup>-dormir-IND.II  
 ‘ele dormiu a noite inteira’ (WEISS, 1998, p. 213)

A presença de pronomes pessoais correspondendo aos argumentos dos predicados é atestada em outras ordens de palavras e nos demais modos existentes em Kayabí, como foi visto no decorrer desta dissertação.

- (81)  $\text{\textit{ʔmiar-a}} \quad \text{\textit{are-a}} \quad \text{\textit{\emptyset-aki\phi er-a}} \quad \text{\textit{r-etun}}$   
 onça-ARG 1PL.EXCL-ARG R<sup>1</sup>-rastro-ARG R<sup>1</sup>-farejar  
 ‘a onça fareja o nosso rastro’ (WEISS, 1998, p. 125)

- (82)  $[\text{\textit{je}} \quad \text{\textit{r-enũj}}] \quad \text{\textit{ʔ\eta a}}$   
 $[\text{\textit{1}} \quad \text{\textit{R}^1\text{-chamar}}] \quad \text{\textit{3MFH}}$   
 ‘ele me chamou’ (WEISS, 1998, p. 121)

No próximo capítulo, falar-se-á dos prefixos relacionais do Kayabí, com o propósito de mostrar o seu funcionamento, além de demonstrar como o desenvolvimento de pronomes de terceira pessoa na língua não afetou sua antiga funcionalidade na estrutura argumental dos temas dependentes – leia-se nomes, verbos e posposições.

## 5 PREFIXOS RELACIONAIS

Neste capítulo, é apresentada uma discussão sobre a validade da descrição de prefixos relacionais no Kayabí, a exemplo de outras línguas da família Tupí-Guaraní. O principal fundamento para essa análise é o próprio desenvolvimento de pronomes de terceira pessoa, os quais teriam surgido para suprir uma lacuna no paradigma pronominal da língua.

Os dados apresentados neste capítulo foram reanalisados de forma que suas respectivas segmentações morfológicas são de nossa responsabilidade.

### 5.1 DEFINIÇÃO

Os prefixos relacionais, segundo Cabral (2001), são “um conjunto bem definido de prefixos, que sinalizam nas línguas Tupí-Guaraní, entre outras coisas, relações de dependência e contiguidade sintática entre termos ou expressões determinantes e os núcleos por estes determinados” (p. 233). De acordo com a autora, essa nomenclatura foi cunhada por Rodrigues em 1981<sup>48</sup>, em estudo sobre o Tupinambá, tendo sido identificadas, posteriormente, ocorrências do mesmo fenômeno em outras línguas do tronco Tupí.

Historicamente, Cabral (2001) retraza os estudos do padre Anchieta, no século XVI, como os primeiros a apontar prefixos mutuamente exclusivos em início de nomes, verbos e posposições, os quais indicariam as formas absolutas e relativas das palavras. Outros gramáticos de línguas Tupí-Guaraní, além de Anchieta, contribuíram com informações relevantes para o entendimento do caráter relacional desses prefixos, mas teria sido o trabalho de Rodrigues o pioneiro a incluir

a definição da função de cada prefixo, a alomorfia relativa a cada um deles, o tratamento desses prefixos como membros de um mesmo paradigma flexional, e a divisão de classes morfológicas de temas em função da ocorrência destes com os alomorfes dos prefixos relacionais. (CABRAL, 2001, p. 237)

Foram quatro os prefixos relacionais identificados no Tupinambá:

---

<sup>48</sup> Cf. RODRIGUES (2010 [1981]).

## (XIII)

1)	r- ∞ ∅-	O determinante é a locução nominal contígua (imediatamente precedente): D = C
2)	(s- ~ jos-) ∞ t- ∞ (i- ~ jo-) ∞ ∅	O determinante é diferente do sujeito e distinto do falante e do ouvinte: D≠S
3)	o-	O determinante de um nome (Dn) é idêntico ao sujeito (S) (que não é o falante nem o ouvinte): Dn = S
4)	-t ∞ m- ∞ ∅- ∞ (v → ∅)	O determinante é ser humano indefinido: D = H

**Quadro 13 – Prefixos relacionais<sup>49</sup>**

Cabral (2001) esclarece que esses prefixos poderiam unir-se ou não aos temas flexionáveis. Os temas para os quais a combinação com os prefixos era licenciada foram separados em duas classes, de acordo com o alomorfe do prefixo relacional 1 (acima) que recebiam. Assim, à Classe I foram alocadas as palavras que recebem o alomorfe ∅-, e à Classe II, aquelas que recebem o alomorfe r-. Ainda de acordo com a autora, a inclusão dos prefixos 2 e 4 deu origem a subdivisões nas classes morfológicas I e II. Ademais,

a presença de quatro relacionais em línguas de todos os ramos da família é também indicativa de que os sistemas de relacionais com apenas dois ou três prefixos, presentes em algumas línguas, devem ser resultantes da redução de um sistema original complexo, ocorrida durante o desenvolvimento histórico dessas línguas particulares. (CABRAL, 2001, p. 239)

Relativamente à função, Rodrigues (1996) destaca que, no Tupinambá, nomes, verbos e posposições são as três classes lexicais em que ocorre a “marcação da dependência de um determinante (ou nome dependente) em relação ao núcleo de uma construção sintática, por meio de prefixos flexionais acrescentados ao núcleo” (p. 58) – os quais podem ser sujeito e verbo intransitivo, objeto e verbo transitivo, objeto e posposição, e genitivo e nome<sup>50</sup>. Além disso, os prefixos relacionais servem para indicar a contiguidade sintática entre um determinante e o tema por ele determinado. Sendo o núcleo da estrutura sempre flexionado por um prefixo relacional, a expressão sintática do determinante pode ser obrigatória, opcional ou vetada.

De forma sintética, Cabral (2001, p. 240) mostra de que maneira os prefixos se manifestam no contexto sintagmático:

(i) [NOM R<sup>1</sup>-NÚCLEO] – o relacional 1 exige que o determinante se posicione imediatamente à esquerda do núcleo e forme com este uma unidade sintática [...];

<sup>49</sup> Adaptado de Cabral (2001).

<sup>50</sup> Cf. Cabral (2001, p. 240)

- (ii) (NOM) [R<sup>2</sup>-NÚCLEO] (NOM) – o relacional 2 permite a expressão sintática do determinante, porém fora do sintagma verbal [...];  
 (iii) [R<sup>3</sup>-NÚCLEO] – o relacional 3 indica que o determinante de um núcleo é correferente com o sujeito da oração principal, o qual pode ou não estar sintaticamente presente no contexto oracional [...];  
 (iv) [R<sup>4</sup>-NÚCLEO] – o relacional 4 especifica que o determinante de um núcleo é genérico e humano e exclui a expressão sintática desse determinante [...].

A autora também apresenta alguns exemplos do Asuriní do Tocantins, reproduzidos a seguir (CABRAL, 2001, p. 241):

R<sup>1</sup> → [NOM R<sup>1</sup>-NÚCLEO]

- (1) [Mo'ýr-a r-ów-a]  
 Mo'ýra-ARG R<sup>1</sup>-pai-ARG  
 'pai de Mo'ýra'
- (2) [Mo'ýr-a Ø-pý-a]  
 Mo'ýr-ARG R<sup>1</sup>-pé-ARG  
 'pé de Mo'ýra'
- (3) ón [[Mo'ýr-a r-áŋ-a] Ø-hí]  
 3.vir Mo'ýr-ARG R<sup>1</sup>-casa-ARG R<sup>1</sup>-afastando-se.de  
 'ele veio da casa de Mo'ýra'

R<sup>2</sup> → [R<sup>2</sup>-NÚCLEO]

- (4) [t-ów-a]  
 R<sup>2</sup>-pai-ARG  
 'pai dele(s)/dela(s)'
- (5) [i-pý-a]  
 R<sup>2</sup>-pé-ARG  
 'pé dele(s)/dela(s)'
- (6) [i-hí]  
 R<sup>2</sup>-afastando-se.de  
 'afastando-se dele(s)/dela(s)'

R<sup>3</sup> → [R<sup>3</sup>-NÚCLEO]

- (7) [o-pý-a]  
 R<sup>3</sup>-pé-ARG  
 'seu próprio pé'
- (8) [o-hý-a]  
 R<sup>3</sup>-mãe-ARG  
 'sua própria mãe'

$R^4 \rightarrow [R^4\text{-NÚCLEO}]$

- (9) mý-a  
 m-pý-a  
 $R^4\text{-pé-ARG}$   
 ‘pé (de gente)’
- (10) ?-áŋ-a  
 $R^4\text{-casa-ARG}$   
 ‘casa (de gente)’

Na sequência de seu trabalho, Cabral (2001, p. 243) destaca o fato de haver, na maior parte das línguas Tupí-Guaraní, apenas pronomes pessoais de primeira e segunda pessoas, estando o Kayabí, o Parintintín e o Asuriní do Xingu no grupo das poucas que marcam pronomes de terceira pessoa. Além disso, segundo a autora, embora seja possível a ocorrência de construções com o relacional 1 quando o determinante for de terceira pessoa, com o traço (+humano),

[...] em nenhuma língua há prefixos pessoais possessivos de primeira e segunda pessoa com status gramatical de morfemas flexionais, embora algumas línguas tenham prefixos correferenciais que, além de fazer referência a S, também podem referir-se à pessoa do possuidor (grifo no original) (CABRAL, 2001, p. 243)

Cabral (2001) também discute os entraves à análise dos prefixos relacionais como morfemas dissociados. Segundo a autora, “os relacionais são mutuamente exclusivos, o que constitui uma das bases para a análise desses prefixos como membros de um mesmo paradigma flexional” (p. 242).

## 5.2. OCORRÊNCIA EM KAYABÍ

Em Kayabí, assim como nas demais línguas Tupí-Guaraní, prefixos relacionais relacionam um tema verbal, um tema posposicional, ou um tema nominal dependente (relativo) ao seu respectivo determinante (RODRIGUES, 2010 [1981]; CABRAL, 2001). Rodrigues observou que, no Tupinambá, há quatro prefixos relacionais, os quais marcam: 1) a contiguidade sintática do determinante, 2) a não contiguidade sintática do determinante, 3) a correferência do determinante com o sujeito, e 4) um determinante genérico e humano. Entretanto, seria o relacional 1 – o qual apresenta, em todas as línguas Tupí-Guaraní de que se tem conhecimento, dois alomorfes  $\emptyset$ - e  $r$ - – o divisor de duas classes temáticas. Temas que se

combinam com  $\emptyset$ - pertencem à Classe 1, enquanto temas que se combinam com  $r$ - pertencem à Classe 2.

O relacional 3 tem uma só forma, que flexiona temas das duas Classes, 1 e 2. Mas tanto o relacional 2 quanto o 4 possuem, cada um, alomorfes. Como bem demonstrou Rodrigues relativamente ao Tupinambá, esses dois prefixos e seus respectivos alomorfes servem de base para classificar os temas das Classes 1 e 2 em subclasses. Cabral (2001) abreviou a representação desses quatro prefixos e seus respectivos alomorfes como  $R^1$ ,  $R^2$ ,  $R^3$  e  $R^4$ .

(XIV)

Prefixos relacionais do Kayabí					
		$R^1$	$R^2$	$R^3$	$R^4$
Classe 1	a)	$\emptyset$ -	$i$ -	$o$ -	$\emptyset$ -
	b)				$m$ -
Classe 2	a)	$r$ -	$t$ -	$w$ -	$t$ -
	b)		$\emptyset$ -	$w/o$ -	
	c)			$o$ -	$\text{?}$ -
	d)		$V > \emptyset-/ t$ -		

Quadro 14 – Prefixos relacionais do Kayabí

Como pode ser visto, o relacional  $R^1$  possui dois alomorfes,  $\emptyset$ - e  $r$ -; o relacional  $R^2$ , três alomorfes,  $i$ -,  $t$ - e  $\emptyset$ -; o prefixo relacional  $R^3$ , dois alomorfes,  $o$ - e  $w$ -; e o prefixo relacional  $R^4$ , quatro alomorfes,  $\emptyset$ -,  $m$ -,  $t$ - e  $\text{?}$ -.

Nas seções seguintes, em exemplos extraídos de Dobson (1997; 2005) e Weiss (1998), descrevemos os relacionais do Kayabí, ilustrando a ocorrência de seus respectivos alomorfes. Os dados foram reanalisados de acordo com os pressupostos adotados nesta dissertação. Entre as alterações, estão: 1) a atualização da grafia para o padrão do Alfabeto Fonético Internacional; 2) ressegmentação de palavras; 3) substituição de ‘f’ por ‘ $\phi$ ’; 4) alguns dados foram marcados como ‘não atestados’, pois não se encontram em trabalhos publicados sobre a língua, embora sejam prováveis, considerando-se a sistematicidade da ocorrência dos relacionais com nomes em todas as línguas conservadoras da família Tupí-Guaraní (CABRAL, 2019, comunicação pessoal).

## CLASSE 1a)

PREFIXO RELACIONAL R<sup>1</sup>

- NOME

*'mãe'*

- (83) kunumi ?ηa Ø-i  
 menino 3MFH R<sup>1</sup>-mãe  
 'mãe do menino' (WEISS, 1998, p. 209)

- VERBO INTRANSITIVO

*'chegar'*

- (84) amana o-kiripi-rau we ?ηa Ø-waem-i  
 chuva 3-chover-começo-quando CONT 3MFH R<sup>1</sup>-chegar-IND.II  
 'quando começou a chover ele chegou' (WEISS, 1998, p. 212)

*'dormir'*

- (85) muapi te ore Ø-ser-i  
 três FOC 1EXCL R<sup>1</sup>-dormir-IND.II  
 'vamos dormir três noites (ficar três dias)' (WEISS, 1998, p. 169)

- (86) ipituna muku ?ηa Ø-ser-i  
 noite inteira 3MFH R<sup>1</sup>-dormir-IND.II  
 'ele dormiu a noite inteira' (WEISS, 1998, p. 213)

- (87) jasi?ua n ore Ø-mo-?er-ukar-i  
 mosquito NEG 1PL.EXCL R<sup>1</sup>-CAUS-dormir-C.PREP-NEG  
 'Os mosquitos não nos deixam dormir' (WEISS, 1998, p. 203)

- VERBO TRANSITIVO

*'bater'*

- (88) je      Ø-nupã    pejepe  
 1      R<sup>1</sup>-bater 2PL.ERG  
 'vocês me bateram' (WEISS, 1998, p. 180)

*'ir'*

- (89) ko-pe    je    Ø-o-j            i-iwikajt-a  
 roça-LP 1    R<sup>1</sup>-ir-IND.II    R<sup>2</sup>-cavar.buraco-GER  
 'eu fui para a roça cavar buraco' (DOBSON, 1997, p. 89)

*'lavar'*

- (90) ?i-pe    je    Ø-o-j            taiti    Ø-poejt-a  
 rio-LOC 1    R<sup>1</sup>-ir-IND.II    roupa    R<sup>1</sup>-lavar-GER  
 'eu fui para o rio lavar roupa' (DOBSON, 1997, p. 89)

- (91) ?i-pe    je    Ø-o-j            japepo    Ø-pirejt-a  
 rio-LOC 1    R<sup>1</sup>-ir-IND.II    panela    R<sup>1</sup>-lavar.o.lado.de.fora-GER  
 'eu fui para o rio lavar o lado de fora da panela' (DOBSON, 1997, p. 89)

*'matar'*

- (92) nanetee            ?ŋa    ka?i            Ø-juka-i  
 mesmo.assim    3MFH    macaco    R<sup>1</sup>-matar-IND.II  
 'mesmo assim ele matou o macaco' (WEISS, 1998, p. 173)

*'torrar'*

- (93) ?og-ipe    je    Ø-o-j            u?i                            Ø-pikujt-a  
 casa-LD 1    R<sup>1</sup>-ir-IND.II    farinha.de.mandioca    R<sup>1</sup>-torrar-GER  
 'eu fui para casa para torrar farinha' (DOBSON, 1997, p. 89)

- POSPOSIÇÃO

(94) *-kati*

kaʔa Ø-kati je Ø-o-j  
 mato R<sup>1</sup>-DIR 1 R<sup>1</sup>-ir-IND.II  
 ‘eu vou na direção do mato’ (WEISS, 1998, p. 147)

(95) *-piwu*

w-api ʔŋa ʔŋa ita Ø-piwu  
 3-lançar 3MFH 3MFH pedra R<sup>1</sup>-INSTR  
 ‘ele lança pedra contra ele’ (WEISS, 1998, p. 109)

(96) *-upe*

a-jepoeti(k) je ʔŋa Ø-upe  
 1-acenar 1 3MFH R<sup>1</sup>-DAT  
 ‘eu aceno para ele’ (WEISS, 1998, p. 138)

### PREFIXO RELACIONAL R<sup>2</sup>

- NOME

*‘cabeça’*

(97) i-akaŋ u-ʔw-awu ikwe ã  
 R<sup>2</sup>-cabeça morder-MOV CLASS.PASS.REM.ATEST DCI  
 ‘mordeu a cabeça desse, faz tempo’ (WEISS, 1998, p. 242)

*‘tutano’*

(98) i-kaŋyaw-a pytuerut  
 R<sup>2</sup>-tutano chupar  
 ‘chupar o osso (tutano)’ (WEISS, 1998, p. 192)

- VERBO INTRANSITIVO

*'dormir'*

- (99) i-se-aw-et  
 R<sup>2</sup>- dormir-N.CIR-RETR  
 'acampamento (onde dormiram)' (WEISS, 1998, p. 242)

- VERBO TRANSITIVO

*'cavar'*

- (100) i-iwikajt-a  
 R<sup>2</sup>-cavar.buraco-GER  
 'cavando buraco no chão' (DOBSON, 1997, p. 89)

*'lavar'*

- (101) waiti    ẽẽ    i-patuk-a  
 roupa    3FFH    R<sup>2</sup>-bater-GER  
 'ela bate a roupa (para lavar)' (WEISS, 1998, p. 179)

- (102) i-poejt-a  
 R<sup>2</sup>-lavar-GER  
 'lavá-lo/la (roupa, por exemplo)' (DOBSON, 1997, p. 89)

- (103) i-pirejt-a  
 R<sup>2</sup>-lavar.parte.externa-GER  
 'lavá-lo/la por fora (panela, por exemplo)' (DOBSON, 1997, p. 89)

*'matar'*

- (104) tararaguu    Ø-piwu    ?ŋa    i-juka-w  
 estilingue    R<sup>1</sup>-INSTR    3MFH    R<sup>2</sup>-matar-IND.I  
 'ele o matou com estilingue' (WEISS, 1998, p. 197)

*'torrar'*

- (105) i-pikujt-a  
 R<sup>2</sup>-torrar-GER  
 'torrou-a/torrando-a (farinha, por exemplo)' (DOBSON, 1997, p. 89)

- POSPOSIÇÃO

(106) *-upe*

o-jeʔeŋ-a    Ø-moiwiraφẽ    j-upe  
 3-falar-ARG    R<sup>1</sup>-duro    R<sup>2</sup>-DAT  
 'falou duro com ele' (WEISS, 1998, p. 168)

### PREFIXO RELACIONAL R<sup>3</sup>

- NOME

*'cabeça'*

- (107) o-je-ʔaka                    ʔŋa,                    aʔeramũ                    w-eawiriw                    amũ  
 R<sup>3</sup>-1-bater.na.cabeça    3MFH                    depois.CONJ    3-sentir.tontura    TRNSL  
 'ele bateu na sua cabeça e ficou tonto' (WEISS, 1998, p. 119)

*'mãe'*

- (108) o-i            are            kina            r-eko-i  
 R<sup>3</sup>-mãe    LOC    3FFM    R<sup>1</sup>-estar-IND.II  
 'ela está com a mãe dela' (WEISS, 1998, p. 120)

- (109) o-pojoʔog            ãẽ            o-i            ãẽ            wi  
 3S-separar-se    3FFH    R<sup>3</sup>-mãe    3FFH    ABL  
 'ela se separa da sua mãe' (WEISS, 1998, p. 184)

- POSPOSIÇÃO

(110) *-upe*

w-er-u      kina    o-je-upe  
 3-CC-vir      3FFM    R<sup>3</sup>-REFL-DAT  
 ‘ela traz para ela mesmo’ (WEISS, 1998, p. 204)

- VERBO INTRANSITIVO

*‘ficar parado (muito espalhado, em espaço amplo)’*

(111) o-se      wã      o-je-mogi-aw  
 3-dormir    3PLFM    R<sup>3</sup>-REFL-espalhar-GER  
 ‘eles estão dormindo (espalhados)’ (WEISS, 1998, p. 136)

#### **PREFIXO RELACIONAL R<sup>4</sup>**

- NOME

*‘mãe’*

(112) Ø-i  
 R<sup>4</sup>-mãe  
 ‘mãe de gente’ (WEISS, 1998, p. 209)

#### **CLASSE 1b)**

#### **PREFIXO RELACIONAL R<sup>1</sup>**

- NOME

*‘centro, meio’*

(113) kaʔa    Ø-pitet  
 mato    R<sup>1</sup>-centro  
 ‘o centro do mato’ (WEISS, 1998, p. 192)

‘mão’

- (114) je Ø-po o-kaʔẽ  
 1 R<sup>1</sup>-mão 3-sarar  
 ‘minha mão sarou’ (WEISS, 1998, p. 145)

‘pé’

- (115) je Ø-pý  
 1 R<sup>1</sup>-pé  
 ‘meu pé’ (DOBSON, 1997, p. 65)

‘remédio’

- (116) nan noko ore Ø-ɸwaŋ-a  
 assim-ADV assim.é-ASP 1PL.INCL R<sup>1</sup>-remédio-ARG  
 ‘assim é o nosso remédio’ (WEISS, 1998, p. 174)

## PREFIXO RELACIONAL R<sup>2</sup>

- NOME

‘pé’

- (117) i-pý  
 R<sup>2</sup>-pé (dado não atestado)  
 ‘vermelho’
- (118) i-pirã maʔe-a e-r-u je-e  
 R<sup>2</sup>-vermelho N.PRED-ARG 2-CC-VIR 1-DAT.PRON  
 ‘traz aquele que é vermelho (traz o vermelho)’ (WEISS, 1998, p. 153)
- (119) je r-aiti-a i-piraŋ  
 1 R<sup>1</sup>-rede-ARG R<sup>2</sup>-vermelho  
 ‘minha rede é vermelha’ (WEISS, 1998, p. 182)

**PREFIXO RELACIONAL R<sup>3</sup>**

- NOME

*'pé'*

- (120) o-pý  
 R<sup>3</sup>-pé  
 'meu próprio pé' (DOBSON, 2005, p. 91)

**PREFIXO RELACIONAL R<sup>4</sup>**

- NOME

*'pé'*

- (121) m-ý  
 R<sup>4</sup>-pé  
 'pé de gente' (WEISS, 1998, p. 172)  
*'sapato'*

- (122) m-iapaap  
 R<sup>4</sup>-sapatos  
 'sapato de gente' (DOBSON, 1997, p. 6)

*'centro, meio'*

- (123) mitet  
 R<sup>4</sup>.meio  
 'o meio' (WEISS, 1998, p. 173)

- (124) miter-a          r-upi          i-mo-wok-a  
 R<sup>4</sup>.meio-ARG   R<sup>1</sup>-PERL          R<sup>2</sup>-CAUS-abrir-ARG  
 'racha no meio' (WEISS, 1998, p. 192)

- (125) ?yw-a          o-wok          miter-a          r-upi  
 pau-ARG   3-abrir-se   R<sup>4</sup>.meio-ARG   R<sup>1</sup>-PERL  
 'a fruta abriu-se no meio' (WEISS, 1998, p. 208)

*'remédio'*

- (126) muaŋa      êẽ      Ø-mo-taʔikwap  
 R<sup>4</sup>.remédio 3FFH      R<sup>1</sup>-CAUS-abortar  
 'o remédio fez ela abortar' (WEISS, 1998, p. 166)

**CLASSE 2a)**

**PREFIXO RELACIONAL R<sup>1</sup>**

- NOME

*'broto novo'*

- (127) awasi r-uʔã  
 milho R<sup>1</sup>-broto.novo  
 'broto de milho' (WEISS, 1998, p. 203)

*'filho'*

- (128) sawaʔe      r-aʔyra      o-waem  
 homem.velho      R<sup>1</sup>-filho.de.homem      3-chegar  
 'o filho do velho chegou' (WEISS, 1998, p. 194)

**PREFIXO RELACIONAL R<sup>2</sup>**

- NOME

*'filha'*

- (129) t-aʔjit  
 R<sup>2</sup>-filha.de.homem  
 'filha dele' (WEISS, 1998, p. 196)

*'filho'*

- (130) t-aʔir-a  
 R<sup>2</sup>-filho.de.homem-ARG  
 'filho dele' (DOBSON, 1997, p. 8)

*'umbigo'*

- (131) t-uʔã  
R<sup>2</sup>-umbigo  
'umbigo dele' (WEISS, 1998, p. 200)
- (132) t-uʔã-ãm  
R<sup>2</sup>-umbigo-corda  
'corda umbilical dele' (WEISS, 1998, p. 203)

- VERBO INTRANSITIVO

*'estar (muitos, sujeito indefinido)'*

- (133) ʔ-og-ipe      t-uw-i  
R<sup>2</sup>-casa-LP      R<sup>2</sup>-estar-IND.II  
'está na casa' (WEISS, 1998, 201)

*'vir'*

- (134) aiʔiwe      t-ur-i  
amanhã      R<sup>2</sup>-vir- IND.II  
'amanhã vem' (WEISS, 1998, p. 201)

### **PREFIXO RELACIONAL R<sup>3</sup>**

- NOME

*'filho'*

- (135) w-eʔro      ʔŋa      w-aʔir-a  
3-dar.o.nome      3MFH      R<sup>3</sup>-filho-GER  
'ele dá um nome para seu filho' (WEISS, 1998, p. 123)
- (136) w-akape-ʔwir-ipe      ete-we      w-aʔir-a      r-er-eko-i  
R<sup>3</sup>-barriga-sob-LP      GEN-CONT      R<sup>3</sup>-filho-ARG      R<sup>2</sup>-CC-estar.em.mov-IND.II  
'os filhotes dela ficam na frente da barriga dela' (WEISS, 1998, p. 113)

- (137) ʔiwi-akape-ʔwir-ipe      ʔ-ʔin-a      a-nuruk-a  
 pau-barriga-embaixo-LP      R<sup>3</sup>-sentar-GER      3-agachar-se-GER  
 ‘está na espreita sentado no chão embaixo de um toco’ (WEISS, 1998, p. 215)

#### **PREFIXO RELACIONAL R<sup>4</sup>**

- NOME

*‘filho’*

- (138) t-aʔit  
 R<sup>4</sup>-filho.de.homem  
 ‘filho de gente’ (DOBSON, 1997, p. 7)

#### **CLASSE 2b)**

##### **PREFIXO RELACIONAL R<sup>1</sup>**

- NOME

*‘comida’*

- (139) aʔe      r-emi-ʔu  
 3PL.INDF      R<sup>1</sup>-NOM-comer  
 ‘nossa comida’ (WEISS, 1998, p. 121)

*‘dor’*

- (140) je piʔa      r-ay      je  
 1 estômago      R<sup>1</sup>-doer      1  
 ‘eu estou com dor de estômago’ (WEISS, 1998, p. 188)

*‘olho’*

- (141) kunumi ʔŋa      r-ea-pe      muaŋ-a      muʔa-a  
 menino 3MFH      R<sup>1</sup>-olho-LP      remédio-ARG      pôr.um.por.um-ARG  
 ‘pôr gotas (de remédio) no olho do menino’ (WEISS, 1998, p. 169)

*'quente'*

- (142) je r-aku je ?ŋa r-ee  
 1 R<sup>1</sup>-quente 1 3MFH R<sup>1</sup>-que.diz.respeito.a  
 'estou com raiva dele' (WEISS, 1998, p. 105)
- (143) ?i r-akuw-a i-mamu?ŋa-u  
 água R<sup>1</sup>-quente-ARG R<sup>2</sup>-criar.bolha-GER  
 'o quente da água criou bolha' (WEISS, 1998, p. 155)

*'vinda'*

- (144) a-apesa je ?ŋa r-ur-a  
 1-esperar 1 3MFH R<sup>1</sup>-vir-ARG  
 'estou esperando a vinda dele' (WEISS, 1998, p. 109)

*'rede'*

- (145) je r-aiti-a i-piraŋ  
 1 R<sup>1</sup>-rede-ARG R<sup>2</sup>-vermelho  
 'minha rede é vermelha' (WEISS, 1998, p. 182)

*'filho'*

- (146) ka?i r-a?ir-a a-manũ  
 macaco R<sup>1</sup>-filho-ARG 3-morrer  
 'o filho do macaco morreu' (DOBSON, 1997, p. 124)

- VERBO INTRANSITIVO

*'vir'*

- (147) ai?iwe ?ŋa r-ur-i  
 amanhã 3MFH R<sup>1</sup>-vir  
 'ele vem amanhã' (WEISS, 1998, p. 194)
- (148) ?awauwe te?ã jane r-ur-i  
 hoje mesmo 1PL.INCL R<sup>1</sup>-vir-IND.II  
 'vamos chegar hoje mesmo' (WEISS, 1998, p. 199)

- (149) ene r-esaka je r-ur-i  
 2 R<sup>1</sup>-ver-GER 1 R<sup>1</sup>-vir-IND.II  
 ‘vim ver você’ (DOBSON, 1997, p. 10)

• VERBO TRANSITIVO

‘chamar’

- (150) je r-enũi ʔŋa  
 1 R<sup>1</sup>-chamar 3MFH  
 ‘ele me chamou’ (WEISS, 1998, p. 121)

‘escutar’

- (151) uʔiw-a φu r-enup-a  
 flecha-ARG ter.barulho.de.algo R<sup>1</sup>-escutar-ARG  
 ‘escutar o barulho das flechas’ (WEISS, 1998, p. 127)

‘farejar’

- (152) ʔmiar-a are-a Ø-akiφer-a r-etun  
 onça-ARG 1PL.EXCL-ARG R<sup>1</sup>-rastros-ARG R<sup>1</sup>-farejar  
 ‘a onça fareja o nosso rastro’ (WEISS, 1998, p. 125)

‘trazer’

- (153) w-aai kina maniʔoga r-erur-i  
 3-carregar.nas.costas 3FFM mandioca R<sup>1</sup>-trazer-IND.II  
 ‘ela carrega a mandioca nas costas’ (WEISS, 1998, p. 100)

‘vir’

- (154) jane r-esak-a wã n-uri  
 1PL.INCL R<sup>1</sup>-ver-GER 3PLFM R<sup>1</sup>-vir  
 ‘eles vêm para nos ver’ (WEISS, 1998, p. 131)

- POSPOSIÇÃO

-ee

- (155) o-jekotiʔa      ʔɲa      ʔɲã      n-ee  
 3s-ter.amizade 3MFH 3PLFM R<sup>1</sup>-REL  
 ‘ele tem amizade com eles’ (WEISS, 1998, p. 135)

- (156) w-ɲiaka    ʔɲa      kaʔi      Ø-jeʔeŋ-a    r-e  
 3-ouvir    3mfm    macaco    R<sup>1</sup>-falar    R<sup>1</sup>-REL  
 ‘ele ouve o grito do macaco’ (WEISS, 1998, p. 110)

-upi

- (157) kwe    r-upi    ʔɲa      Ø-o-i  
 lá      R<sup>1</sup>-por 3MFH    R<sup>1</sup>-ir-IND.I  
 ‘ele vai por lá’ (WEISS, 1998, p. 204)

### PREFIXO RELACIONAL R<sup>2</sup>

- NOME

‘dor’

- (158) je      r-aʔjikag      Ø-ai  
 1      R<sup>1</sup>-queixo    R<sup>2</sup>-dor  
 ‘meu queixo está doendo’ (WEISS, 1998, p. 104)

‘olho’

- (159) na      Ø-ea-i      ʔɲa  
 NEG    R<sup>2</sup>-olho-NEG 3MFH  
 ‘ele está cego’ (WEISS, 1998, p. 118)

‘quente’

- (160) Ø-aku      ʔwei!  
 R<sup>2</sup>-quente    SIM  
 ‘está quente, sim!’ (WEISS, 1998, p. 207)

- VERBO TRANSITIVO

*'abrir'*

- (161) kaʔaran-a    Ø-pipek-a                      Ø-esak-a  
 livro-ARG    R<sup>1</sup>-abrir.para.esticar-GER    R<sup>2</sup>-ver-GER  
 'abre o livro para ver!' (WEISS, 1998, p. 190)

### **PREFIXO RELACIONAL R<sup>3</sup>**

- NOME

*'rede'*

- (162) w-ero-o    ãã    w-aitia  
 3-CC-ir    3FFH    R<sup>3</sup>-rede-ARG  
 'ela levou a rede dela (própria)' (WEISS, 1998, p. 206)

*'testa'*

- (163) o-owa  
 R<sup>3</sup>-testa  
 'testa dele mesmo'

### **PREFIXO RELACIONAL R<sup>4</sup>**

- NOME

*'olho'*

- (164) t-ea-irũ  
 R<sup>4</sup>-olho-companheiro  
 'óculos de gente' (WEISS, 1998, p. 199)

*'rede'*

- (165) t-aiti-a              i-pojukiri  
 R<sup>4</sup>-rede-ARG    R<sup>4</sup>-amarelo  
 'a rede é amarela' (WEISS, 1998, p. 143)



**PREFIXO RELACIONAL R<sup>4</sup>**

- NOME

*'casa'*

(171) w-aʔaŋawi    ʔŋa            ʔ-og-a  
 3-medir        3MFH            R<sup>4</sup>-casa-ARG  
 'ele mede casa' (WEISS, 1998, p. 100)

(172) ʔ-og-a  
 R<sup>4</sup>-casa        -ARG  
 'casa (de gente)' (DOBSON, 1997, p. 8)

(173) ʔ-uʔiw-a  
 R<sup>4</sup>-flecha-ARG  
 'flecha de gente' (DOBSON, 2005, p. 11)

**CLASSE 2d)****PREFIXO RELACIONAL R<sup>1</sup>**

- NOME

*'fezes'*

(174) je r-eposi    tururu            je  
 1    R<sup>1</sup>-fezes    pingar            1  
 'eu estou com diarreia' (WEISS, 1998, p. 122)

**PREFIXO RELACIONAL R<sup>2</sup>**

- NOME

*'fezes'*

(175) Ø-eposi    tururu            ʔŋa  
 R<sup>2</sup>-fezes    pingar            3MFH  
 'ele está com diarreia'

### PREFIXO RELACIONAL R<sup>3</sup>

- NOME

(176) o-eposi  
 R<sup>3</sup>-fezes  
 ‘fezes dele mesmo’ (não atestado)

A variedade e número de ocorrências dos prefixos relacionais em Kayabí demonstram sua distribuição com temas dependentes, e comprovam seu pertencimento a um mesmo sistema flexional. É natural que o prefixo relacional R<sup>2</sup> seja por vezes traduzido como terceira pessoa em português ou em línguas que a possuem. No entanto, é necessário observar a distribuição e a real função dos prefixos relacionais na gramática das línguas Tupí-Guaraní conservadoras, que é a de marcar a relação de temas dependentes com seus respectivos determinantes, contíguos ou não, ou sua natureza genérica ou correferencial.

### 5.3 PADRÃO ORACIONAL EM KAYABÍ

Até aqui, foram apresentados dados que ilustram os usos dos pronomes de terceira pessoa e dos prefixos relacionais em Kayabí, de forma a mostrar que eles fazem parte de sistemas distintos, sendo os relacionais fundamentais na estrutura argumental dos temas dependentes e nos diferentes padrões de ordem em que argumentos dos nomes, verbos e posições podem ocorrer. Agora, faz-se pertinente tecer algumas considerações sobre a ordem de palavras nessa língua, cujos padrões estão atrelados primordialmente ao modo em que se encontra o predicado.

Em orações no modo Indicativo I – modo das declarações em que nenhuma circunstância precede o predicado –, a ordem mais frequente quando os argumentos sintáticos são pronominais ou nomes é VSO, como mostram os exemplos de (177) a (182):

(177) w-api    ʔŋa    ʔŋa    ita    Ø-piwu  
 3-lançar 3MFH 3MFH    pedra    R<sup>1</sup>-INSTR  
 ‘ele lançou pedra contra ele’ (WEISS, 1998, p. 109)



- (185) [je Ø-moritee]      ?ηa  
 [1 R<sup>1</sup>-enganar]      3MFH  
 ‘ele me enganou’ (WEISS, 1998, p. 166)

- (186) [je Ø-mopiriii]      ape  
 [1 R<sup>1</sup>-assustar]      2.ERG  
 ‘você me assustou’ (WEISS, 1998, p. 164)

Sendo o objeto possuído por uma primeira pessoa, se o sujeito for de terceira pessoa, o mesmo padrão ocorre, tal como em (187):

- (187) ?miar-a      are-a      Ø-akiφer-a      r-etun  
 onça-ARG      1PL.EXCL-ARG      R<sup>1</sup>-rastro-ARG      R<sup>1</sup>-farejar  
 ‘a onça fareja o nosso rastro’ (WEISS, 1998, p. 125)

Quando a hierarquia pessoal é acionada por um sujeito de terceira ou segunda pessoa agindo sobre uma primeira ou uma segunda pessoa, a ordem mais comum é OVS. Entretanto, essa ordem corresponde à situação em que o objeto encontra-se em posição argumental, como em (188):

- (188) jasi?ua      n      ore      Ø-mo-ηer-ukar-i  
 mosquito      NEG      1PL.EXCL      R<sup>1</sup>-CAUS-dormir-C.PREP-NEG  
 ‘os mosquitos não nos deixam dormir’ (WEISS, 1998, p. 204)

Os pronomes independentes funcionam como argumentos sintáticos, e, por motivações pragmáticas, podem ser omitidos ou alocados em outras posições da oração. Quando isso ocorre, o tema verbal é marcado pelo prefixo relacional R<sup>2</sup>, que sinaliza a não contiguidade sintática do argumento verbal. Uma comparação entre (189) e (190) mostra que, no primeiro, o verbo ‘vir’ no indicativo II tem o objeto *wã* em sua estrutura argumental; já no segundo, o objeto encontra-se omitido, razão pela qual o verbo recebe o R<sup>2</sup>:

- (189) jane      r-esak-a      [wã      n-ur-i]  
 1PL.INCL      R<sup>1</sup>-ver-GER      [3PLFM      R<sup>1</sup>-vir-IND.II]  
 ‘eles vêm para nos ver’ (WEISS, 1998, p. 131)

- (190) ai?iwe      [t-ur-i]  
 amanhã      [R<sup>2</sup>-vir-IND.II]  
 ‘amanhã vem’ (WEISS, 1998, p. 201)

Nos modos Indicativo II, Gerúndio e Subjuntivo, embora seja mais frequente o uso de argumentos sintáticos na posição argumental dos verbos, é também comum ocorrerem em outras partes da oração ou mesmo serem omitidos, caso em que os temas verbais são flexionados pelo relacional R<sup>2</sup>. Os dados de (191) a (204) ilustram temas verbais nos modos Indicativo II, Gerúndio e Subjuntivo, flexionados tanto por R<sup>1</sup> quanto por R<sup>2</sup>, a depender, respectivamente, da contiguidade sintática ou não do determinante. Quando o determinante sintático está contíguo, a ordem é SV.

### *Indicativo II*

(191) amana o-kiripi-rau we ?ηa Ø-waem-i  
 chuva 3-chover-começo-quando CONT 3MFH R<sup>1</sup>-chegar- IND.II  
 ‘quando começou a chover ele chegou’ (WEISS, 1998, p. 212)

(192) muapi te ore Ø-ser-i  
 três FOC 1PL.EXCL R<sup>1</sup>-dormir-IND.II  
 ‘vamos dormir três noites (ficar três dias)’ (WEISS, 1998, p. 169)

(193) ipitun-a muku ?ηa Ø-ser-i  
 noite-ARG comprido 3MFH R<sup>1</sup>-dormir-IND.II  
 ‘ele dormiu a noite inteira’ (WEISS, 1998, p. 213)

(194) ?og-ipe t-uw-i  
 R<sup>2</sup>-casa-LP R<sup>2</sup>-estar.deitado-IND.II  
 ‘está na casa (deitado)’ (WEISS, 1998, p. 201)

(195) ai?iwe t-ur-i  
 amanhã R<sup>2</sup>-vir- IND.II  
 ‘amanhã vem’ (WEISS, 1998, p. 201)

### *Gerúndio*

No dado (196), *waiti* ‘roupa’ está fora da estrutura argumental do verbo *-patuk* ‘bater’, razão pela qual este está flexionado pelo alomorfe *i-* do prefixo R<sup>2</sup>, próprio da classe temática 1 dos temas relativos do Kayabí. A ordem apresentada é OSV, embora o tema no gerúndio esteja marcado pelo prefixo relacional de não contiguidade. Em caso de determinante contíguo, a ordem seria OV.

- (196) waiti    ãẽ    i-patuk-a  
 roupa    3FFH    R<sup>2</sup>-bater-GER  
 ‘ela batendo a roupa (para lavar)’ (WEISS, 1998, p. 179)

Em (197), a palavra ‘roça’ está omitida, razão pela qual o verbo recebe o prefixo R<sup>2</sup>:

- (197) ko-pe    je    Ø-o-j            i-iwíkajt-a  
 roça-LP    1    R<sup>1</sup>-ir-IND.II    R<sup>2</sup>-cavar.buraco-GER  
 ‘eu fui para a roça cavar buraco’ (DOBSON, 1997, p. 89)

No exemplo (198), a palavra para ‘livro’ ocorre na posição argumental do verbo ‘abrir’, mas não ocorre na estrutura argumental do verbo ‘ver’, pois é o objeto compartilhado pelos dois verbos que ocorrem em série, o que é típico do modo gerúndio, razão pela qual o objeto compartilhado não ocorre no segundo verbo da série.

- (198) kaʔaran-a    Ø-pipek-a                    Ø-esak-a  
 livro-ARG    R<sup>1</sup>-abrir.para.esticar-GER    R<sup>2</sup>-ver-GER  
 ‘abre o livro para ver!’ (WEISS, 1998, p. 190)

Uma frase como (199) seria agramatical em Kayabí:

- (199) \*kaʔaran-a    Ø-pipek-a                    kaʔaran-a    r-esak-a  
 livro-ARG    R<sup>1</sup>-abrir.para.esticar-GER    livro-ARG    R<sup>1</sup>-ver-GER

Em (200), (201) e (202), os pronomes *je* e *jane* e o substantivo *uʔi* encontram-se na posição argumental de verbos no gerúndio, de modo que os temas verbais recebem o prefixo relacional de contiguidade – Ø- para os temas da classe 1, e *r-/n-* para temas da classe 2.

- (200) aʔe-ramũ    [je r-apesak-a]  
 esse-TRANS    [1 R<sup>1</sup>-esperar-GER]  
 ‘(então) espera por mim’ (WEISS, 1998, p. 109)

- (201) ʔog-ipe    je    Ø-o-j            uʔi                    Ø-pikujt-a  
 cas-LD    1    R<sup>1</sup>-ir-IND.II    farinha.de.mandioca    R<sup>1</sup>-revolver-GER  
 ‘eu fui para casa para torrar farinha’ (DOBSON, 1997, p. 89)

- (202) jane            r-esak-a        [wã        n-ur-i]  
 1PL.INCL R<sup>1</sup>-ver-GER [3PLFM R<sup>1</sup>-vir-IND.II]  
 ‘eles vêm para nos ver’ (WEISS, 1998, p. 131)

### *Subjuntivo*

Nas duas modalidades do modo Subjuntivo, o tema verbal é flexionado por prefixos relacionais, assim como ocorre no Gerúndio e no Indicativo II. Na estrutura argumental, ocorre o sujeito sintático, se o verbo for intransitivo, e o objeto, se o verbo for transitivo, como em (203) e (204):

#### Subjuntivo de contemporaneidade e de condição<sup>51</sup>

- (203) aman-a            Ø-jewi-ramũ            je        r-ur-i            nũ  
 chuva-ARG R<sup>1</sup>-voltar-SUBJ        1        R<sup>1</sup>-vir-IND.II        novamente  
 ‘quando a chuva voltar eu venho de novo’ (WEISS, 1998, p. 106)

#### Subjuntivo de sucessividade

- (204) aman-a            Ø-poʔog-ire        je        Ø-o-i  
 chuva-ARG R<sup>1</sup>-parar-SUBJ        1        R<sup>1</sup>-ir-IND.II  
 ‘depois da chuva parar eu vou’ (WEISS, 1998, p. 193)

## 5.4 PRONOMES DE TERCEIRA PESSOA E PREFIXOS RELACIONAIS EM KAYABÍ

Nesta seção, serão analisados dados que ilustram as funções argumentais dos pronomes de terceira pessoa do Kayabí, nas funções de possuidor, sujeito de verbos transitivos e intransitivos, objeto de verbos transitivos e complemento de posposições. Os dados evidenciam que os pronomes de terceira pessoa exercem também a função de marcadores de gênero masculino ou feminino dos referentes dos nomes.

<sup>51</sup> Sobre os subjuntivos de contemporaneidade e de condição, e de sucessividade em Tupí-Guaraní, ver Cabral e Rodrigues (2005).

*I. Possuidor*

- (205) [wã n-aʔir-a] a-nurug-amue  
 [3PLFM R<sup>1</sup>-filho.de.homem-ARG] 3-nascer-logo.que  
 ‘logo que a criança deles nascer’ (WEISS, 1998, p. 106)
- (206) n a-rowiar-i je [wã Ø-jeʔeg-a]  
 NEG 1-acreditar-NEG 1 [3PLFM R<sup>1</sup>-falar-ARG]  
 ‘eu não acredito nas palavras deles’ (WEISS, 1998, p. 124)
- (207) a-apesa je [ʔa r-ur-a]  
 1-esperar 1 [3MFH R<sup>1</sup>-vir-ARG]  
 ‘esperando a vinda dele’ (WEISS, 1998, p. 109)
- (208) w-apo kina [wã Ø-aiti-a]  
 3-fazer 3FFM [3PLFM R<sup>1</sup>-rede-ARG]  
 ‘ela faz a rede deles’ (WEISS, 1998, p. 110)

*II. Sujeito de verbos intransitivos*

- (209) w-ata ʔa  
 3-andar 3MFH  
 ‘ele anda’ (WEISS, 1998, p. 206)
- (210) wã ʔ-oga Ø-pipe ʔa r-eko-i  
 aquele R<sup>4</sup>-casa R<sup>1</sup>-INESS 3MFH R<sup>1</sup>-estar.em.movimento-INDII  
 ‘ele fica naquela casa’ (WEISS, 1998, p. 208)
- (211) aipo kã r-ur-i  
 ALET 3MFH R<sup>1</sup>-vir-IND.II  
 ‘ele vem (já se pode ouvir a vinda dele)’ (WEISS, 1998, p. 103)

*III. Sujeito de verbos transitivos*

- (212) w-apo kina wã Ø-aiti-a  
 3-fazer 3FFM 3PLFM R<sup>1</sup>-rede-ARG  
 ‘ela faz a rede delas’ (WEISS, 1998, p. 110)

- (213) u-ʔāwoti    **ʔŋa**    ʔŋã  
 3-fotografar    **3MFH**    3PLFH  
 ‘ele fotografa eles’ (WEISS, 1998, p. 117)
- (214) w-aiti    **ēē**    i-patuk-a  
 roupa    **3FFH**    R<sup>2</sup>-bater-GER  
 ‘ela bate a roupa (para lavar)’ (WEISS, 1998, p. 179)

#### IV. Objeto de verbo transitivo

- (215) u-ʔāwoti    ʔŋa    **ʔŋã**  
 3-fotografar    3MFH    **3PLFH**  
 ‘ele tira retrato deles’ (WEISS, 1998, p. 117)
- (216) ʔŋa    r-uw-a    **ʔŋa**    w-ero-o  
 3MFH    R<sup>1</sup>-pai-ARG    **3MFH**    3-CC-ir  
 ‘ele leva o pai dele (do outro)’ (WEISS, 1998, p. 204)
- (217) ʔu-w-a    ʔŋa    **ʔŋa**    w-ero-o  
 3-pai-ARG    3MFH    **3MFH**    3-CC-ir  
 ‘ele leva o seu próprio pai’ (WEISS, 1998, p. 204)

#### V. Complemento de posposição

- (218) je    r-aku    je    **ʔŋa**    r-ee  
 1    R<sup>1</sup>-quente    1    **3MFH**    R<sup>1</sup>-REL  
 ‘estou com raiva dele’ (WEISS, 1998, p. 105)
- (219) o-je-mogipii    kĩa    **kĩa**    r-ee  
 3-REFL-ficar    3MFM    **3MFM**    R<sup>1</sup>-REL  
 ‘ele fica no lado dele (confia nele)’ (WEISS, 1998, p. 137)
- (220) **ʔwã**    Ø-piri    ore    Ø-o-i  
**3PLFM**    R<sup>1</sup>-junto.de    1PL.EXCL    R<sup>1</sup>-ir-IND.II  
 ‘nós vamos visitar eles (perto deles)’ (WEISS, 1998, p. 191)
- (221) kina    **kĩa**    wi  
 3FFM    **3MFM**    ABL  
 ‘ela se separou dele’ (WEISS, 1998, p. 140)

Como dito anteriormente, um dos objetivos deste trabalho é o de demonstrar o desenvolvimento de pronomes de terceira pessoa em Kayabí. Isso porque, em análises precedentes, a flexão relacional, que continua a existir na língua, foi erroneamente interpretada como parte do paradigma pronominal. No entanto, tal desenvolvimento não afetou a funcionalidade dos relacionais, os quais continuam a exercer seu papel nas estruturas argumentais de nomes, verbos e posposições.

Em (222) e (223), a posposição *-upe* recebe o prefixo  $R^1$  quando a terceira pessoa está contígua, e  $R^2$  quando não está contígua:

(222) n      a-ʔar-i          awasi-a      ʔηa      Ø-upe  
 NEG    3-nascer-NEG    milho-ARG    3MFH     $R^1$ -DAT  
 ‘o milho não cresce espiga para ele’ (WEISS, 1998, p. 100)

(223) o-jeʔeη-a      moiwiraϕẽ      j-upe  
 3-falar-GER    duro               $R^1$ -DAT  
 ‘falou duro com ele (para ele)’ (WEISS, 1998, p. 168)

No dado (224), a posposição *-ee* ‘relativo a’ encontra-se flexionada por  $R^1$ , visto que o seu argumento encontra-se em sua estrutura argumental. Em (225), a mesma posposição liga-se a  $R^2$ , visto que seu argumento, uma terceira pessoa, não está em sua estrutura:

(224) je      r-aku          je      ʔηa      r-ee  
 1       $R^1$ -quente    1      3MFH     $R^1$ -REL  
 ‘estou com raiva dele’ (WEISS, 1998, p. 105)

(225) o-poranu      ʔηa      Ø-ee  
 3-perguntar    3MFH     $R^2$ -REL  
 ‘ele pergunta sobre aquele’ (WEISS, 1998, p. 186)

## 5.5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS

Em síntese, propôs-se neste capítulo que os pronomes de terceira pessoa em Kayabí teriam sua origem em demonstrativos. Estes, por meio de um processo de gramaticalização, teriam passado a funcionar como pronomes, uma vez que a língua não possuía elementos dessa natureza. Argumentou-se, ainda, que os prefixos *i-*, *t-* e *Ø-* não codificam pessoa, mas marcam em temas relativos a contiguidade ou não do determinante de um nome, de um verbo e de uma

posposição. Pelo seu próprio estatuto de prefixos flexionais, não poderiam integrar um paradigma de pronomes, elementos sintáticos.

Também foi demonstrado que, apesar do surgimento de pronomes de terceira pessoa, os prefixos relacionais continuam ativos e produtivos, e combinam-se com elementos de classes e subclasses temáticas. Ademais, foram também apresentados os modos em que esses prefixos ocorrem e como se adjungem aos verbos. Todavia, não foram encontrados textos em Kayabí que demonstrassem a função dos relacionais em sintagmas nominais, posposicionais e verbais situados em contextos de discursos naturais.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, objetivou-se descrever o conjunto de pronomes de terceira pessoa no Kayabí, bem como investigar o sistema de concordância relativo a essas formas. Tal interesse justificou-se pelo fato de a língua inovar em relação a outras da mesma família ao apresentar marcação segundo o gênero do falante e do referente. Nos primeiros registros da língua (DOBSON, 1973, 1997, 2005; WEISS, 1998), os pronomes, embora citados, não são investigados mais profundamente, e na literatura produzida posteriormente, deu-se proeminência à sua análise como clíticos de redobro (GOMES, 2007; BRAGA, 2016).

Aqui, conforme demonstrado por meio de diversos dados, e de uma análise de perspectiva tipológica e funcional, os pronomes são indicativos de um sistema de concordância de gênero incipiente, selecionados a partir de traços de sexo biológico encontrados tanto no falante quanto no referente. Por outro lado, e com vistas à reconstrução interna dos pronomes de terceira pessoa em Kayabí, foi possível hipotetizar que a emergência de tais formas teria decorrido de um vazio no paradigma pronominal, com ausência de formas de terceira pessoa. Esse postulado mostra-se robusto mediante identificação de um equívoco quanto à alocação dos chamados prefixos relacionais como parte do paradigma pronominal. Como foi amplamente tratado, tais prefixos não são, e não poderiam ser, formas pronominais, visto que delas divergem em função e com elas coocorrem.

Os prefixos relacionais, como *i-*, *r-*,  $\emptyset$ -, já se encontram descritos e analisados para outras línguas da família Tupí-Guaraní, o que possibilita delinear um paralelo histórico entre elas, e perceber correspondências sistemáticas de forma e função. Logo, faz-se evidente que em Kayabí, tal como em outras línguas de sua família, os prefixos relacionais são produtivos e largamente empregados, não preenchendo, entretanto, as funções de pronomes. Assim, a língua desenvolveu mecanismos próprios de referenciação, os quais, no entanto, ainda carecem de novos estudos para que sejam bem compreendidos.

A presente pesquisa não se pretende exaustiva. Antes, visa lançar luz sobre a necessidade de aprofundamento nos estudos sobre a família Tupí-Guaraní. Nesse âmbito, é válido registrar a patente carência de normatização terminológica relativa aos fenômenos linguísticos encontrados, visto que uma das dificuldades encontradas quando da realização deste projeto foi a falta de univocidade nas análises existentes, o que torna demasiadamente penoso o labor intelectual necessário para compreensão do funcionamento da língua. É, pois, premente, a necessidade de materiais que facilitem o acesso do leitor não linguista, e, sobretudo, do falante dessas línguas, ao conhecimento teórico existente sobre elas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIKHENVALD, Alexandra Y. *How gender shapes the world*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

BORGES, Mônica Veloso. Diferenças entre as falas feminina e masculina no Karajá e em outras línguas brasileiras: aspectos tipológicos. *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 103-113, mar. 2012. ISSN 2177-7160. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/1428>. Acesso em: 28 mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.20396/liames.v4i1.1428>.

BRAGA, Rafael Saint-Clair Xavier Silveira. *Cliticização e redobro de clíticos pronominais em kayabí (Tupi-Guarani, Tupi): a natureza ambígua de constituintes clíticos*. 2016. 237 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.poslinguistica.letras.ufrj.br/images/Linguistica/3-Doutorado/teses/2016/BragaRSCXS-min.pdf>>. Acesso em 21 jan. 2019.

CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. Flexão Relacional na família Tupí-Guaraní. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN)*, Fortaleza, v. 25, p. 233-262, 2001.

CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. O desenvolvimento da marca de objeto de segunda pessoa plural em Tupí-Guaraní. In: CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Estudos sobre línguas indígenas I*. Belém: UFPA, 2001. p. 117-145.

CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara *et al.* A linguística histórica das línguas indígenas do Brasil, por Aryon Dall’igna Rodrigues: perspectivas, modelos teóricos e achados. *Delta*, São Paulo, v. 30, p.513-542, ago. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v30nspe/0102-4450-delta-30-spe-0513.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2019.

CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara *et al.* Bases culturais para atribuição de gênero em Manxineru. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 7, n. 2, p. 321-341, dez. 2015. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/20604/19007>. Acesso em: 28 mar. 2019.

CASTELNAU, Francis de. *Expédition dans les parties centrales de l’Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para: Histoire du voyage*. Paris: P. Bertrand, 1850. Vol. II. Disponível em: [https://archive.org/details/bub\\_gb\\_VMuNdsNDxIMC/page/n5](https://archive.org/details/bub_gb_VMuNdsNDxIMC/page/n5). Acesso em: 16 dez. 2018.

COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

CORBETT, Greville. *Gender, Grammatical*. Encyclopedia of Language & Linguistics, 2006. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/B0080448542001917>. Acesso em: 21 jan. 2019.

CORBETT, Greville (ed). *The expression of gender*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2014a.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DOBSON, Rose. *Notas sobre substantivos do Kayabí*. In: Série Lingüística n° 1. Brasília, SIL, pp.33-56, 1973. Disponível em: <https://www.sil.org/system/files/reapdata/32/12/62/32126292971950375958285909622650330421/KBSubst.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2019.

DOBSON, Rose. *Gramática prática com exercícios da língua Kayabí*. Arquivo Lingüístico n° 228. Cuiabá, SIL, 1997. Disponível em: <https://www.sil.org/system/files/reapdata/27/28/25/2728257572048879883340125223881004556/KBGram.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2019.

DOBSON, Rose. *Aspectos da língua Kayabí*. Série Lingüística n° 12. Brasília: SIL, 2005. Disponível em: <https://www.sil.org/system/files/reapdata/20/69/54/20695455636268380809632891166545648781/KBGram2.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2019.

FARIA, André Luiz. *Ordem oracional e movimento de clítico de segunda posição em Kayabi (Família Tupi-Guarani)*. 2004. 66 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Afaria-2004/Faria\\_AndreLuiz\\_M.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Afaria-2004/Faria_AndreLuiz_M.pdf). Acesso em: 28 mar. 2019.

FUNAI. *Informações de época datilografadas no Álbum de contato SPI SE 01-02*. S.l., 1927. Disponível em: <http://base.museudoindio.gov.br/memoteca/srav/fotografia/spi/se/album/a10/spi11022.jpg>. Acesso em: 16 dez. 2018.

FUNAI. Centro de documentação etnológica do Museu do Índio. *Relação de documentos referentes aos postos que deram atendimento aos índios Kayabí de Mato Grosso*: Pedro Dantas e José Bezerra. S.l., 1958. 11 p. Disponível em: <https://documentacao.socioambiental.org/documentos/CJD00002.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2018.

**FUNAI. Kaiabi-Kawaiwete.** Disponível em: <http://prodclin.museudoindio.gov.br/index.php/etnias/kaiabi-kawaiwete>. Acesso em: 20 nov. 2018.

GOMES, Nataniel dos Santos. *Clíticos, redobro e variação da ordem oracional em Kayabí (Tupi-Guarani)*. 2007. 240 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp050945.pdf>. Acesso em: 28. mar. 2019.

GRÜNBERG, Georg. *Os Kaiabi do Brasil Central: História e Etnografia*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/os-kaiabi-do-brasil-central-historia-e-etnografia>. Acesso em: 16 dez. 2018.

HOCKETT, Charles F. *A course in modern linguistics*. New York: Holt/Rinehart and Winston, 1958.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Almanaque socioambiental Parque Indígena do Xingu: 50 anos*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011. Disponível em: <https://issuu.com/instituto-socioambiental/docs/almanaque-pix-50-anos/93> . Acesso em: 13 fev. 2019.

JESPERSEN, Otto. *A modern English grammar on historical principles: Syntax*. Part VII. London: George Allen and Unwin Ltd, 1949.

MELIÁ, Pe. Bartomé. *Kayabí: de Tatuí*. Brasil: CEDI, 1984. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/CJD00011.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2019.

MELIÁ, Pe. Bartomé. Os Caiabís Não-Xinguanos. In: COELHO, Vera P. (Org.). *Karl Von den Steinen: um século de antropologia no Xingu*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1993. cap. 1. 487-509.

MUSEU DO ÍNDIO. *Casas indígenas*. 1927. 1 fotografia. 35 mm. Disponível em: <http://base.museudoindio.gov.br/memoteca/srav/fotografia/spi/se/album/a10/spi11022.jpg>. Acesso em: 13 fev. 2019.

PAYNE, Thomas. *Describing Morphosyntax: A guide for field linguists*. Cambridge: CUP, 1997.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia*, v. 27/28, p. 33-53, São Paulo, 1985.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Argumento e predicado em Tupinambá. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, 19:6-18. Maceió: Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), 1996. Disponível em: [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Arodriques-1996-argumento/rodriques\\_1996\\_argumento.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Arodriques-1996-argumento/rodriques_1996_argumento.pdf). Acesso em: 14 fev. 2019.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. In: CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. (Org.). *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. In: Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas aa Anpoll, 1, Atas..., tomo I, Belém: Editora UFPA. 2002. p. 327-337.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. Investigando a origem e o desenvolvimento de orações dependentes nas famílias do tronco linguístico Tupí. *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 1 e 2, p. 11-32, 2006.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Estrutura do Tupinambá. In: CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. (Org.). *Línguas e Culturas Tupí 2*. Campinas, SP: Curt Nimuendajú; Brasília, DF: LALI/UnB, 2010.

**SCHMIDT, Max.** Ergebnisse meiner zweijährigen Forschungsreise in Matto Grosso. September 1926 bis August 1928. *Zeitschrift für Ethnologie*, LX, Berlin 1929, pp. 85-124, 12 figuras, 1 mapa. — Versão portuguesa no Boletim do Museu Nacional XIV-XVII, 1938-1941. Rio de Janeiro: 1942, pp.241-285.

SCHMIDT, Max. *Kayabi im Posto Pedro Dantas*. 1927. 1 fotografia. 37 x 29,4 cm. Disponível em: <http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=1603842&viewType=detailView>. Acesso em: 13 fev. 2019.

SENRA, Klinton; SILVA, Geraldo Mosimann da; ATHAYDE, Simone Ferreira de. Os Kaiabi hoje: aspectos culturais e ambientais. In: GRÜNBERG, Georg. *Os Kaiabi do Brasil Central: História e Etnografia*. Instituto Socioambiental, 2004.

SOUZA, Patricia de Oliveira Borges e. *Estudos de aspectos da lingua Kaiabi (Tupi)*. 2004. 76f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Disponível em: [http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270882/1/Souza\\_PatriciadeOliveiraBorgese\\_M.pdf](http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270882/1/Souza_PatriciadeOliveiraBorgese_M.pdf). Acesso em: 28 mar. 2019.

STEINEN, Karl von den. *O Brasil Central*. Tradução de Catarina Baratz Cannabrava. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/o-brasil-central-expedicao-em-1884-para-a-exploracao-do-rio-xingu/pagina/5/texto>. Acesso em 20 nov. 2018.

STEINEN, Karl von den. *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*. Berlin: Hoefler & Vohsen, 1894. Disponível em: [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Asteinen-1894-unter-den-naturvolkern/unterdennaturv00stei\\_bw.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Asteinen-1894-unter-den-naturvolkern/unterdennaturv00stei_bw.pdf). Acesso em 21 nov. 2018.

TRAVASSOS, Elizabeth. A tradição guerreira nas narrativas e nos cantos caiabis. In: COELHO, Vera P. (Org.). *Karl Von den Steinen: um século de antropologia no Xingu*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1993.

WEISS, Helga Elisabeth. *Para um dicionário da língua Kayabí*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

**ANEXO A****Lista de palavras de Max Schmidt**

Regen	parāre
Feuer	tata
Wasser	auy
Weg	ope
Pfeil	takuari
Angel	piná
Mehl	ui
Mädchen	kuna
Junges Mädchen	minu kuna
Jaguar	yauara ete
Yacaré	zakaré
Fisch	pira
Mais	watci
Schwarzer Bohne	kumana
gut	katu
1.	oyepa
2.	mokoi
nein	nani